



OS SABERES POPULARES NO VIÉS DA ECOLOGIA HUMANA



ELIANE MARIA DE SOUZA NOGUEIRA
MARIA JOSÉ GOMES DE ANDRADE
WBANEIDE MARTINS DE ANDRADE
CARLOS ALBERTO BATISTA SANTOS
(Organizadores)

ELIANE MARIA DE SOUZA NOGUEIRA
MARIA JOSÉ GOMES DE ANDRADE
WBANEIDE MARTINS DE ANDRADE
CARLOS ALBERTO BATISTA SANTOS
(Organizadores)

Os SABERES POPULARES NO VIÉS DA
ECOLOGIA HUMANA



Paulo Afonso, 2016

FICHA TÉCNICA

Diagramação e Capa: Rubervânio Lima
Edição eletrônica (primeira versão): Jéssica Silva Cunha

Foto da Capa: Bruno Gonçalves

Revisão:

Maria José Gomes de Andrade

Marcella Gomez

Wbaneide Martins de Andrade

Edição:



www.editoraoxente.com

Editoração:



Realização:



PPGECO
Mestrado em Ecologia Humana
e Gestão Socioambiental



PPGBVEG
Mestrado em Biodiversidade Vegetal



Catálogo na publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

S237s

Nogueira, Eliane Maria de Souza, Andrade, Maria José Gomes de, Andrade, Wbaneide Martins de, e Santos, Carlos Alberto Batista dos, org.

Os saberes populares no viés da Ecologia

Humana / Eliane Maria de Souza Nogueira, Maria José Gomes de Andrade, Wbaneide Martins de Andrade, e Carlos Alberto B. dos Santos, organizadores.

Paulo Afonso: SABEH, 2016.

100 p. ; il.

ISBN: 978-85-92861-85-8

1. Ecologia Humana
2. Antropologia
2. Saberes Tradicionais. I. Título

CDD: 577-4

E-BOOK

CONSELHO EDITORIAL:

EDITOR-CHEFE

Dr. Juracy Marques dos Santos - UNEB/PPGEcoH/NECTAS

MEMBROS

Dr. Adibula Isau Badiu - Nigéria

Dra. Alpina Begossi - UNICAMP

Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida - UFAM/PPGAS

Dr. Artur Dias Lima - UNEB/PPGEcoH

Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira - UNEB/NECTAS/PPGEcoH

Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira - UEFS/PPGEcoH

Dr. Feliciano José Borralho de Mira - UNEB/PPGEcoH

Dra. Flávia de Barros Prado Moura - UFAL

Dra. Iva Miranda Pires - FCSH - Portugal

Dr. Jairton Fraga de Araújo - UNEB/CAERDES

Dr. José Geraldo Wanderley Marques - UNICAMP/UEFS/PPGEcoH

Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha - UNEB/PPGEcoH

Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne - UNEB/CAAPA/PPGEcoH

Dr. Martín Boada Jucá - UAB - Espanha

Dr. Paulo Magalhães - QUERCUS - Portugal

Dr. Ronaldo Alvim - UFS

Dr. Sérgio Malta de Azevedo - UFC/PPGEcoH



COMISSÃO CIENTÍFICA:

Dr. Arnaldo José C. Magalhães Júnior

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Dr^a. Daniele Cristina de oliveira Lima da Silva

Faculdade Regional da Bahia (UNIRB)

Dr. Ernani Machado de Freitas Lins Neto

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Dr. Feliciano José Borralho de Mira

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dra. Flávia de Barros Moura

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Dr. Gilney Charll dos Santos

Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Dr. Gilton Carlos Anísio de Albuquerque

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dra. Grécia Cavalcanti da Silva

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dr. Henrique Costa Hermenegildo da Silva

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Dra. Horasa Maria Lima da Silva Andrade

Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE)

Dra. Kátia Maria Medeiros de Siqueira

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dra. Lindete Míria Vieira Martins

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dr. Rogério de Souza Bispo

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dra. Vanessa de Carvalho Nilo Bitu

Faculdade Leão Sampaio (LEÃO SAMPAIO)



ORGANIZADORES:

Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia do Recife, mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia, *Campus VIII*. Leciona e orienta alunos no Curso de graduação em Ciências Biológicas e no Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana, ambos da UNEB.



Dra. Maria José Gomes de Andrade

Possui graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, mestrado em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Possui pós-doutorado pela Conservação Internacional do Brasil (2007-2008), Universidade Estadual de Feira de Santana e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2008-2011) e pelo Royal Botanic Gardens, Kew, na Inglaterra (2012-2013). Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia e coordena o Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal, *Campus VIII*. Leciona e orienta alunos no Curso de graduação em Ciências Biológicas e no Mestrado em Biodiversidade Vegetal, ambos da UNEB.



Dra. Wbaneide Martins de Andrade

Possui graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, especialização em Educação Ambiental da Universidade de Brasília, mestrado em Botânica pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza pela mesma Universidade. Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia UNEB. Leciona e orienta alunos no Curso de graduação em Ciências Biológicas e no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, ambos da UNEB.



Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos

Possui Graduação em Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade de Pernambuco, mestrado em Zoologia pela Universidade Estadual de Santa Cruz e doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente é professor efetivo na Universidade do Estado da Bahia, e coordena o Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, *Campus III*. Leciona e orienta alunos no Curso de graduação em Agronomia e no Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, ambos da UNEB.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - 11

Capítulo 1

ECOLOGIA HUMANA: A CIÊNCIA DAS PARTES E DO TODO - 12

Marcella Gomez Érika dos Santos Nunes e Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Capítulo 2

A ECOLOGIA HUMANA E AS GENTES DO SERTÃO NORDESTINO - 30

Feliciano José Borralho de Mira, Wellington Amâncio e Maria José Gomes de Andrade

Capítulo 3

CANDOMBLÉ E UMBANDA: A RESISTÊNCIA DOS TERREIROS NO MÉDIO SÃO FRANCISCO - 54

Danilo Borges e Silva de Araújo, Irenilda Maria da Silva, João José de Santana Borges e Juracy Marques

Capítulo 4

AS RELAÇÕES HOMEM-ANIMAIS NAS CANÇÕES DE LUIZ GONZAGA - 70

Adriana Anadir dos Santos, Carlos Alberto Batista Santos, Eliane Maria de Souza Nogueira e Ednilza Maranhão dos Santos



APRESENTAÇÃO

O semiárido Nordestino é descrito na literatura científica como uma área de clima seco e quente com temperaturas predominantemente altas e solos pouco desenvolvidos em função das condições de escassez das chuvas, e pela ocorrência da vegetação de Caatinga.

A Caatinga por sua vez é descrita como um mosaico de arbustos espinhosos e floresta sazonal seca, compondo um ecossistema pobre em espécies e endemismos. Ainda na literatura, encontramos que essa região sofre com secas severas periódicas, que tornam a vida na Caatinga difícil para as populações humanas residentes e determinam mudanças adaptativas na biota da região.

De fato, não se podem contestar dados morfo-climáticos, no entanto, os estudos mais recentes tem demonstrado a importância da Caatinga para a conservação da biodiversidade no Brasil, apresentando uma imensa riqueza vegetal e animal já catalogada, além de altos números de endemismo entre os vegetais e alguns grupos animais.

As comunidades e povos tradicionais que aí residem, desenvolveram técnicas de adaptação e manejo às condições ambientais da região, construindo um imenso conhecimento dos recursos naturais locais, desenvolvendo diversas interações ao longo do tempo com animais e plantas, expressas nas crenças e atitudes com os outros seres da natureza, construindo um modo de vida peculiar e uma diversidade cultural ímpar.

As relações que derivam dessas interações estão presentes em diversas expressões culturais dessas sociedades e se perpetuam no imaginário coletivo, sendo transmitidas através da oralidade de geração a geração.

Esta obra que agora apresentamos a você, caro leitor, atesta esses dados, através dos trabalhos aqui descritos. Partindo dos conceitos da Ecologia Humana, apresentamos as “gentes” desse sertão, a resistência da cultura desses povos em meio a diversidades sociais e religiosas, e uma pequena amostra

das interações do homem com os animais locais, expressas em grandes cancioneiros nordestinos. Dessa forma esta obra vem contribuir sobremaneira para a valorização da diversidade biocultural presente no semiárido nordestino, fornecendo subsídios para Ecólogos Humanos, Etnobiólogos, Antropólogos, Etnoecólogos, Cientistas Ambientais, entre outros profissionais, convidando-os a conhecerem e saborearem desses saberes e fazeres do povo sertanejo.

Aos autores nossos agradecimentos!

A todos uma boa leitura!

Carlos Alberto Batista dos Santos

Dr. em Etnobiologia e Conservação da Natureza





Capítulo 1



ECOLOGIA HUMANA: A CIÊNCIA DAS PARTES E DO TODO.

Marcella Gomez^{1,*}

Érika dos Santos Nunes¹

Geraldo Jorge Barbosa de Moura^{1,2}

1. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, *Campus VIII*, Rua da Gangorra, 503, CHESF, 48608-240, Paulo Afonso, BA, Brasil. *Email: pereira.gomez@hotmail.com

2. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, 52171-900, Recife, PE, Brasil.

◆ APRESENTAÇÃO ◆

O capítulo traz uma descrição sobre os desdobramentos da Ecologia Humana como disciplina científica problematizadora, a qual contribui para a compreensão de como as relações homem/ambiente se estabeleceram com o passar do tempo, e como estas se adaptaram as transformações sociais, econômicas e culturais pelas quais a espécie humana tem atravessado. Argumenta e apresenta, a partir de autores já conhecidos, como a Ecologia Humana é essencial para a compreensão do adaptacionismo humano frente as pluralidades culturais de cada região, a diversidade biológica de cada bioma e a organização econômica que impulsiona as relações sociais.

Os autores argumentam sobre as possibilidades, potencialidades e o desenvolvimento da Ecologia Humana como uma ciência que busca compreender a dinâmica entre pessoas e seus múltiplos ambientes de socialização, mais acima de tudo a apresenta como uma ferramenta capaz de descentralizar o conhecimento contribuindo para uma visão holística de mundo.



INTRODUÇÃO

Utilizada pela primeira vez por Ernest Haeckel em 1869, a palavra ecologia define-se como o estudo da vida em casa. Sua ascensão como ciência investigativa ocorreu a partir dos anos de 1970, quando as preocupações com os impactos antropogênicos (eg.: poluição, desflorestamento, queimadas, entre outros) decorrentes do crescimento desorganizado da população mundial, aumentou em grande escala à perda de biodiversidade e contribuiu para a má qualidade de vida das sociedades ao redor do mundo (BARBOUR, 2003).

No início, a ecologia passa a preocupar-se tão somente pela preservação de ambientes bucólicos, fonte de inspiração de poetas, escritores e pintores. A criação do Parque Nacional de *Yellowstone* em terras norte-americanas no ano de 1874, formaliza a ideia de preservação de ambientes físico-naturais para contemplação e realização artística e espiritual (GODOY, 2000).

A princípio, a ecologia primitiva passou a estudar as relações animais e vegetais, desconsiderando qualquer que fosse a influência humana sobre os sistemas ecológicos. No entanto, a espécie humana é elemento integrante do ambiente, e destaca-se por ser a única espécie animal com habilidades capazes de modificar o ambiente em que vive e que o cerca em benefício de sua própria sobrevivência e bem estar pessoal (FEITOSA e SOUZA, 2009).

De acordo com Flélix Guatarri em “As Três Ecologias”, a ecologia diferenciou-se em vários e novos campos de atividade, que se reúnem num conceito de Ecologia Integral, a qual divide-se em i. Ecologia Pessoal, que visa à saúde física, emocional, mental

e espiritual do ser humano como estratégia fundamental para o desenvolvimento da paz e da ecologia integral; ii. Ecologia Social que busca a integração do ser humano com a sociedade, o exercício da cidadania, da participação e dos direitos humanos, a justiça social, a simplicidade voluntária e o conforto essencial, a escala humana, a cultura de paz e não-violência, a ética da diversidade, os valores universais, a inclusividade, a multi e a transdisciplinariedade; e a iii. Ecologia Ambiental, a qual objetiva a integração do ser humano com a natureza facilitando o processo de transformação no sentido da redução do consumo e do desperdício, do incentivo à reutilização e a reciclagem dos recursos naturais, bem como da preservação e defesa do meio ambiente e de sociedades ecologizadas.

Segundo Park (1970), o ser humano é dotado de relações ecológicas inter e intraespecíficas, as quais podem ser modificadas de acordo com as necessidades de recurso da espécie. Essas modificações em meio à necessidade de adaptação do homem a novas matrizes de desenvolvimento é o objeto de estudo da Ecologia Humana, a qual permite uma análise histórica da adaptação humana ao ambiente (CAMPBELL, 1988).

1. COMO SURTIU A ECOLOGIA HUMANA?

A Ecologia Humana passou por diversas transformações tendo em vista a melhor compreensão sobre os sistemas de relação humano/humano e humano/ambiente. Portanto, faz-se necessário estabelecer parâmetros comparativos sobre os conceitos e definições de Ecologia Humana, tendo em vista sua inter e pluridisciplinaridade.

Segundo Pires e Craveiro (2011) podem-se reportar os primórdios da Ecologia Humana a Émile Durkheim (1858-1917) e as sua reflexões sobre a morfologia social e a divisão do trabalho, tendo procurado estabelecer de que modo a adaptação cultural da

espécie humana é um produto das pressões demográficas e das disponibilidades de recursos.

Para Pierson (1970), a Ecologia Humana começou a desenvolver-se definitivamente em moldes científicos a partir do ensaio "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no ambiente urbano", de Robert E. Park. Em seu ensaio Park afirmava que a Ecologia Humana não se identifica com a Geografia, nem mesmo com a Geografia Humana, como os sociólogos gostariam, pois a Ecologia Humana não trata do homem, e sim da comunidade, ou seja, não é a relação do homem com a terra e sim suas relações com os "outros homens". Enquanto isso Pierson considerava que a Ecologia Humana estava mais relacionada com a Ecologia Animal e a Ecologia Vegetal, bem como a Biologia, e que por isso não fazia parte da Sociologia propriamente dita.

Mackenzi (1970), definiu a Ecologia Humana como o estudo das relações espaciais e temporais de seres humanos, como estas são influenciadas pelas forças seletivas, distribuidoras e acomodativas do meio. Para o autor, a Ecologia Humana esta fundamentalmente interessada no efeito da posição, tanto no tempo como no espaço, sobre as instituições humanas e sobre o comportamento humano.

Alguns anos mais tarde Ávila-Pires (1983) afirma que do ponto de vista da Ecologia Humana, a ênfase de qualquer estudo sobre as relações homem-ambiente deve recair sobre o homem, já que suas relações com a biota são influenciadas pelo seu nível econômico, social e cultural. Para tanto, na década de 1990, Emílio F. Morán apresenta a idéia de que a diferença entre a Ecologia Humana e a Ecologia Geral reside em que, na Ecologia Humana o enfoque dado ao papel do homem como fator ecológico é muito maior. Para Morán a Ecologia Humana não enfoca o homem apenas como entidade social e cultural, mas busca a valorização as interações homem/ambiente. Tais interações incluem cognição ambiental, o papel da

história (experiências passadas) na avaliação de possíveis respostas, o reconhecimento de possíveis alternativas dentro de um contexto demográfico, nutricional e epidemiológico.

Apesar da Ecologia Humana se basear em conceitos oriundos da Ecologia, aquela não é necessariamente vista como um ramo da Ecologia Geral, seus objetivos e metodologias são específicos e incluem entender o comportamento humano sob variáveis ambientais. O modelo mais utilizado em Ecologia Humana é o modelo de forrageamento ótimo, amplamente usado para entender o comportamento dos animais, e o mais utilizado nas publicações sobre forrageamento ótimo em populações humanas nos anos de 1980 (BEGOSSI, 1993).

Na obra “Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a escola Sociológica de Chicago” de Mário Eufrásio (1999), o autor agrupa as distintas possíveis definições da Ecologia Humana em seis classes: EH1. ecologia humana como síntese abrangente de diversos campos de ciências naturais e ciências sociais; EH2. ecologia humana como estudo das relações entre o homem e seu ambiente; EH3. ecologia humana como aplicação de conceitos e explicações da biologia na conceituação e explicação de fatos sociais; EH4. ecologia humana como estudo das distribuições espaciais dos fenômenos humanos; EH5. ecologia humana como estudo de áreas regionais ou locais; EH6. ecologia humana como estudo de relações sub-sociais entre os homens (EUFRÁSIO, 1999). A partir dessa divisão é possível afirmar que a Ecologia Humana é necessária como ciência de investigação científica, tendo em vista as transformações sócio-culturais e ambientais frente às mudanças econômicas e políticas as quais os sistemas sociais são impostos.

A partir do século XXI, a Ecologia Humana passa a fundamentar com mais propriedade estudos de origem sociológica, e a partir da definição de Pires e Craveiro (2011) a Ecologia Humana passa a

produzir o conhecimento necessário para compreender a relação do homem com o seu ambiente, para responder à interrogação de qual o seu lugar na natureza. Na análise das comunidades humanas, a Ecologia Humana faz resaltar a forte associação entre as características culturais e biofísicas dos povos e os condicionalismos específicos dos territórios que habitavam, dando lugar a um determinismo geográfico e a apreciações, muitas vezes aproveitadas para questões raciais sobre o nível de desenvolvimento das civilizações (PIRES e CRAVEIRO, 2011).

Tendo em vista as constantes mudanças políticas, culturais, econômicas e sociais do século XXI, Alvim (2012) define a Ecologia Humana da seguinte maneira:

“A Ecologia Humana como uma ciência que estuda as relações humanas, individuais e coletivas com seu entorno, tornando-se um grande instrumento de reflexão de mudança de paradigma em prol da vida, tentando por sua vez resgatar, transformar e revigorar valores esquecidos ou anulados pelo atual processo de desenvolvimento aplicado pela cultura de consumo e acumulação de bens e, conseqüentemente, produção de rejeitos onde a remodelagem de um novo padrão de desenvolvimento reconstrua as relações históricas para a construção de juízo de valores que envolvem o indivíduo. Como ciência, a Ecologia Humana procura reaproximar, reconstruir e reconhecer seu valor etimológico como forma de adentrarmos no estudo das ações antrópicas para transformar nossas práticas e significações de valores” (ALVIM, 2012).

O Ecologista Humano defronta-se com uma problemática complexa, ao ser forçado pela natureza de seus estudos a conceber o homem como um animal ligado, por um lado, à teia da vida em condições idênticas aos demais seres vivos, e, por outro, ao sistema social como autor e ator. Idealizada nesses termos, a Ecologia Humana além de usar os princípios de ecologia geral, necessita ampliar seu quadro teórico para dimensionar a ênfase holística implícita em toda sua ideia (LIMA, 1995).

2. ESTUDOS DE ECOLOGIA HUMANA: O LUGAR DO HOMEM NO AMBIENTE

A Ecologia Humana intervêm certamente em todos os fatores bióticos e abióticos que interferem na ecologia das plantas e dos animais (NAZARETH, 1993). No entanto, a chave da Ecologia Humana está na compreensão dos fenômenos de interação entre biologia e cultura, interação essa que se desenvolve basicamente através das pautas do comportamento social que singularizam cada tradição cultural através de seus sistemas de valores, de seu desenvolvimento técnico científico e de seus sistemas políticos e econômicos (BERNIS, 2003).

O conceito de Ecologia Humana embora apresente variações e esteja sujeito à polêmica, como boa parte dos termos de uso freqüente relacionados às questões ambientais, pode ser entendido como o estudo da relação do homem com o ambiente. Assim, o adjetivo “humana” particulariza o substantivo “ecologia”, caracterizando uma subárea das ciências naturais (DALLABONA e DALLABONA, 2007).

De acordo com Souza, Pizoni e Costabeber (2007) a Ecologia Humana pode nos dar uma visão ecológica sobre os problemas humanos, traduzindo-se numa nova forma de olhar para o que nos rodeia e de reequacionar a forma como as gerações futuras deverão viver o cotidiano, já que o homem tem de resolver a sua relação com a natureza, mas também com os seus pares.

A acelerada destruição da biodiversidade do planeta tem levado pesquisadores a centrarem seus estudos em populações que convivem em interação com o meio, desenvolvendo técnicas conservacionistas de utilização dos recursos naturais que garantem a manutenção da biodiversidade para a utilização das futuras gerações (CALIXTO e RIBEIRO, 2016).

A realidade humana é o resultado da coevolução de sistemas

culturais, socioeconômicos e biológicos que cada população desenvolve no meio em que vive (BERNIS, 2003). A Ecologia Humana busca resgatar a relação harmônica que se rompeu no passado e que, atualmente, é vista como fundamental para a reestruturação socioambiental (SOUZA; PISONI e COSTABEBER, 2007)

A Ecologia Humana vai adquirindo contornos mais precisos, deixando de ser vista como um capítulo de uma ciência ou a síntese de todas as ciências ou ainda o estudo das áreas marginais de todas as ciências, sendo hoje encarada como um novo nível de pensamento ao alcance das diferentes disciplinas no que se refere ao diálogo Homem-Ambiente (CARVALHO, 2007; NAZARETH, 2004; LAWRENCE, 2001; YOUNG, 1983).

A Ecologia Humana estuda cada vez mais a perspectiva global dos diferentes aspectos que atuam sobre o homem — físico, químico, biológico, sociológico, econômico, técnico, cultural, espiritual. Portanto, na Ecologia Humana a população mundial passa a ser o conjunto de indivíduos num sistema interdependente de atividades, que necessita de uma atitude científica globalizante e de uma metodologia que integre a dinâmica das interações bioculturais (NAZARETH, 1993).

A interferência do homem sobre o meio natural, a partir da visão de exploração sem atentar para as consequências, está provocando degradação e poluição ambiental, sendo evidente hoje que tal processo precisa ser contido e organizado de acordo com novos paradigmas. O estudo e o tratamento das interferências do homem sobre o meio estão afeitos à Ecologia Humana, e constitui elemento significativo, que se torna cada vez mais premente na sociedade atual e exige discussões e ações efetivas (DALLABONA e DALLABONA, 2007).

O problema é que o homem pertence a uma espécie biológica bastante particular: pouco dotada, rigorosamente heterotrófica, capaz de comunicar-se com grande eficácia, capaz de criar transcendendo

os parâmetros etológicos, capaz de modificar o ambiente natural e de criar um ambiente construído, o qual é de grande complexidade porque nele se integram elementos muito diversos — habitação, transportes, comunicações, trabalho, organização social, religião e valores.

3. A ECOLOGIA HUMANA COMO TEMA DE PESQUISA

Desde a pré-história o homem utiliza recursos naturais para fins alimentícios, medicinais e na construção de casas, equipamentos de caça e pesca. Contudo, o manejo e domesticação de espécies vegetais possibilitou a sedentarização da espécie humana, que como consequência tornou-se mais complexa e hierarquizada, capaz de acumular recursos, promover trocas de mercadorias entre indivíduos e comunidades, assim como influenciar na dinâmica do ambiente natural.

As pesquisas em Ecologia Humana envolvendo questões relativas a povos e comunidades tradicionais tem ganhado notoriedade, tendo em vista que os saberes tradicionais não sistematizados dentro de modelos pré-determinados pelo cientificismo contribuem para a compreensão da dinâmica ecológica local, para ações de conservação, de desenvolvimento sustentável e manejo. Estudar indivíduos humanos e sua relação com espécies vegetais, animais e minerais, significa considerar as interações ecológicas entre os indivíduos humanos e deles com o meio, além de enxergá-los como agentes de modificação desse meio.

Para a Ecologia Humana, tais relações devem ser observadas como:

“[...] a tentativa de resgatar, transformar e revigorar valores esquecidos ou anulados pelo atual processo de desenvolvimento aplicado pela cultura do consumo e

acumulação de bens e, conseqüentemente, produção de rejeitos onde a remodelagem de um novo padrão de desenvolvimento reconstrói as relações históricas para a construção de juízo de valores, que envolvem o indivíduo enquanto ser divino capaz de ter o direito de explorar seus padrões de direitos, deveres e valores humanos, considerando a justiça social, valorização do espaço natural, partindo do comprometimento coletivo [...]” (ALVIM, 2012).

As ações do homem primitivo não potencializa o desequilíbrio ou alterações na dinâmica dos ecossistemas naturais, assim como as ações o homem moderno (LIMA, 1995). Anteriormente, o coletivo e a conservação dos recursos naturais tendo em vista o bem estar individual, eram a prioridade das comunidades humanas. Contudo, tais valores inverteram-se ao longo da evolução humana, o ter passou a construir identidades de sujeitos que buscam serem aceitos pelo coletivo a partir do que consomem (ALVIM, 2012). É necessário reintegrar a espécie humana ao meio ambiente físico-natural como elemento participante e não externo ou alheio às mudanças e processos evolutivo. Como afirma Hollingshead (1970:58):

“A Ecologia Humana trata da sociedade nos seus aspectos biológicos e simbióticos, isto é, aqueles que são resultantes da competição e da luta dos indivíduos em qualquer ordem social para sobreviverem e perpetuarem-se [...]”.

Conhecer a realidade dos indivíduos, suas histórias de vida, sua relação com o ambiente que habitam e com o que os cerca, assim como suas relações interpessoais, é o primeiro passo para desenvolver pesquisas de Ecologia Humana. De acordo com Morán (1990) o ponto inicial de uma pesquisa em Ecologia Humana é a definição de uma relação entre uma dada população e o seu meio ambiente definindo uma problemática. A definição do problema determina onde deverá ser realizada a investigação e quais as variáveis com maior potencial de explicar as relações homem/ambiente. Assim, uma pesquisa em Ecologia Humana começa pelo

exame sistemático dos processos de interação homem/ambiente.

Para Morán (1990) a sistematização de modelos facilita o estudo de sistemas ecológicos complexos, por estes serem entidades abertas, instáveis, como fluxos externos que influenciam seres humanos, e demais seres vivos, de forma funcional e estrutural. Contudo, o dinamismo e os processos de mudança que ocorrem em comunidades humanas, dificultam a sistematização de modelos, ainda mais por ser o homem um ser gregário, que não pode viver sozinho, por ser relativamente fraco e dependente de abrigo e proteção (McKENZIE, 1970).

Ao desenvolver uma pesquisa científica em Ecologia Humana, é necessário caracterizar a comunidade a ser estudada de acordo com critérios específicos, a exemplo dos caracterizados por Hollingshead (1970:58-59), para este autor a Ecologia Humana trata da:

1. *População* em todos os aspectos vitais, inclusive taxa de natalidade e mortalidade, a sua composição, funções econômicas, distribuição no espaço e, finalmente todos os fatos que evidenciam a luta dos seres humanos para manter sua existência individual e perpetuar a espécie;
2. *Posição e função de dominância* dentro da comunidade, isto é, a posição que impõe a ordem entre as unidades competidoras numa sociedade e assegura a estabilidade da organização territorial na qual a posição é dominante;
3. *Migração*, porque é um dos modos pelos quais os homens, individual ou conjuntamente, procuram um lugar em que possam viver;
4. *Organização territorial*, isto é, a divisão do trabalho tanto dentro como entre comunidades. Uma tal divisão de trabalho a partir de um lugar ou ocupação o mais vantajosa possível ao desenvolvimento individual e coletivo;
5. *Sucessão* da forma ou ordem de mudanças dentro da comunidade, ou em qualquer unidade ecológica.

Ao trabalhar em pesquisas de Ecologia Humana independente da ferramenta ou desdobramentos da metodologia a ser aplicada, deve-se descrever o espaço físico considerando por sua vez o ecossistema quanto ao Clima, Solo, Flora e a Fauna, assim como os aspectos sociais, entre os quais devem ser considerados como dimensões fundamentais a descrição das atividades no uso de recursos, o calendário do uso da lavoura nas várias atividades e as formas locais de organizar a lavoura (MORÁN, 1990). Considerar o espaço físico é o desafio da Ecologia Humana, que como ciência integrativa, deve unir o social, o cultural e o biológico, possibilitando dessa maneira estudos que auxiliem no desenvolvimento da população mundial.

Para a Ecologia Humana:

“[...] todas as espécies, incluindo a espécie humana, experimentam uma grande variedade de pressões ambientais. Dessas, algumas são mais importantes que outras na seleção de respostas adaptativas. As pressões ambientais não determinam, no entanto, o comportamento humano, sua fisiologia ou fenótipo, mais tais pressões funcionam como fatores seletivos, atuando sobre as diferentes alternativas disponíveis aos indivíduos” (MORÁN, 1990).

Entre as diferentes alternativas que as pressões seletivas do ambiente influenciam, estão às escolhas socioculturais, que permitem ao indivíduo identificar-se como parte de um todo. Para tanto, as reticências que existem sobre a Ecologia Humana devem ser superadas, pois como outras ciências que buscam investigar de modo integrativo objetivando justificar transformações, está ciência permitir a compreensão da dinâmica de relações ecológicas que se estabelecem entre homem e ambiente, assim como a reflexão sobre como deve ser utilizado o saber biocultural de modo a agregar valor ao conhecimento científico.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer que a espécie humana é dependente de alguém ou de algo, não condiz com a figura de individualista, auto suficiente e especial que esta construiu durante seus anos de evolução. Ser reconhecida como única espécie dotada de racionalidade fez do ser humano o mais feroz predador dos biomas que habita. Com isso, caçar, plantar e pescar para a própria subsistência tornou-se obsoleto, instaurou-se a cultura do capitalismo, ou seja, acumular bens para acumular poder. Para isso sendo necessário buscar novas terras, mais recursos e conseqüentemente mais riquezas.

Com as incursões na busca por terras ainda não descobertas, houve o descobrimento do Brasil, que já habitado por “selvagens” teve suas riquezas roubadas, sua cultura exterminada e sua população nativa escravizada, tendo em vista o desenvolvimento e o progresso. Grande ironia, já que nada disso trouxe benefício aos recém descobertos, mais sim unicamente aos descobridores. No entanto, foi nesse cenário de degradação que primeiro observou-se no Brasil as interações entre homem e ambiente tal qual ocorriam entre “selvagens” e floresta.

A carta de Pero Vaz de Caminha descreve os recursos e as riquezas do Novo Mundo, assim como a relação dos descobertos com o ambiente que habitavam e do qual retiravam os recursos necessários a sua sobrevivência. Nessa perspectiva, o documento que descrevia as potencialidades, as fragilidades e as adversidades a serem superadas, pode ser considerado como primeiro registro brasileiro que apresenta o que a Ecologia Humana estuda, pois esse documento descreve a dinâmica das relações ecológicas, sociais,

econômicas e políticas entre “selvagens” e entre os “selvagens” e a natureza.

Tendo em vista que a Ecologia Humana é a ciência que busca compreender a dinâmica entre pessoas, assim como as relações que existem entre essas e o ambiente que habitam, pode-se avaliá-la como uma ciência problematizadora e assim a Ecologia Humana tende a descentralizar o conhecimento contribuindo para uma visão holística de mundo.



◆ REFERÊNCIAS ◆

ALVIM, R. G. **Ecologia Humana**: da visão acadêmica aos temas atuais. Maceió: EDUFAL, 2012. 183p.

ÁVILA-PIRES, F. D. de. **Princípios de Ecologia Humana**. Porto Alegre: UFRGS: CNPq, 1983. 158p.

BARBOUR, A. M. A. **Jornalismo Ambiental**. Curso de Jornalismo Faculdade de Comunicação e Filosofia/PIBIC-CEPE. 2003. 55p.

BEGGOSSI, A. **Ecologia Humana**: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciencia*, v.18, n.1, p.121-132, 1993.

BERNIS C. **Ecología Humana** - Anthropologie biologique. Para comprender la antropología biológica. *Evolución y biología humana*, p.643-654, 2003.

CALIXTO, J. S.; RIBEIRO, E. M. **O cerrado como fonte de plantas medicinais para uso dos moradores de comunidades tradicionais do alto Jequitinhonha, MG**. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/>. Acesso 30 abr. 2016.

CAMPBELL, B. **Ecologia Humana**. Edições 70. 1988. 264p.

CARVALHO, F. **Escola para todos?** A educação de crianças com deficiência, sob uma perspectiva de ecologia humana. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2007.

DALLABONA, T. M.; DALLABONA, C. A. **Ecologia Humana – Uma Abordagem Necessária Nos Cursos De Engenharia E Arquitetura**. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia – COBENGE 2007**.

EUFRÁSIO, M. **Estrutura Urbana e Ecologia Humana**: a escola sociológica de Chicago. São Paulo: Editora 34. 1999. 304p.

FEITOSA, H. C.; SOUZA, S. C. Ecologia Humana e Complexidade. In: **IX Congresso de Ecologia do Brasil, São Lourenço – MG**, 2009.

GODOY, A. **O Modelo da Natureza e a Natureza do Modelo**. São Paulo: Perspectiva, v.14, n.4, p.129-138, 2000

HOLLINGSHEAD, A. B. Noções da Ecologia Humana. In: PIERSON, D. (Org.) **Estudos de Ecologia Humana**. Biblioteca de Ciências Sociais, vol.VI. 595p. 1970.

LIMA, M. J. de A. **Ecologia Humana**: realidade e pesquisa. 2ª ed. Recife. 1995. 164p.

LAWRENCE, R. R. Human Ecology. In: TOLBA, M. K. (Ed.) **Our fragile world**. Oxford: Eolss, v.1, p. 675-695, 2001.

McKENZIE, R. D. Matéria-Objeto da Ecologia Humana. In: PIERSON, D. (Org.) **Estudos de Ecologia Humana**. Biblioteca de Ciências Sociais, vol.VI. 1970. 595p.

NAZARETH, J. M. **Demografia e Ecologia Humana**. Análise Social, vol.xxviii, p.879-885, 1993.

NAZARETH, J. M. **Demografia**: a ciência da população. Lisboa: Presença, 2004.

MORÁN, E. F. **A ecologia Humana das populações da Amazônia**. Rio de Janeiro, 1990. 367p.

PARK, R. E. Ecologia Humana. In: PIERSON, D. (Org.) **Estudos de Ecologia Humana**. Biblioteca de Ciências Sociais, vol.VI. 1970. 595p.

PIERSON, D. **Estudos de Ecologia Humana**. Biblioteca de Ciências Sociais, vol.VI. 1970. 595p.

PIRES, I.M.; CRAVEIRO, J.L. **Ética e Prática da Ecologia Humana**:

questões introdutórias sobre a ecologia humana e a emergência dos riscos ambientais. Lisboa: Apenas Livros, 2011. 31p.

SOUZA, J. M. de.; PISONI, E. M.; COSTABEBER, A. M. **Ecologia Humana**: uma Reconstrução Moral e Ética. Revista Brasileira de Agroecologia, v.2, n.2, 2007.

YOUNG, G. L. **Origins of human ecology**. Stroudsburg, PA: Hutchinson Ross, 1983.





Capítulo 2



A ECOLOGIA HUMANA E AS GENTES DO SERTÃO NORDESTINO¹

Feliciano José Borralho de Mira²

Wellington Amâncio²

Maria José Gomes de Andrade³

1. O texto foi redigido em duas ortografias, brasileira e portuguesa , pré-acordo ortográfico de 1999.

2. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, *Campus VIII*, Rua da Gangorra, 503, CHESF, 48608-240, Paulo Afonso, BA, Brasil. Emails: felicianomira@hotmail.com e welliamancio@hotmail.com

3. Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, *Campus VIII*, Rua do Gangorra, 503, CHESF, 48608-240, Paulo Afonso, BA, Brasil.

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo apresentamos as “gentes” do sertão nordestino brasileiro, abordando o lugar da Ecologia Humana no sertão, a socioeconomia sertaneja e a convivência com o sertão. Compreendendo que o desenvolvimento sustentável do sertão requer a aplicação de propostas assentes numa epistemodiversidade a vários níveis onde a intertextualidade socioambiental e as diferentes percepções ecológicas e de sustentabilidade podem contribuir para reescrever uma nova ecologia pós-ecológica.



INTRODUÇÃO

O LUGAR DA ECOLOGIA HUMANA NO SERTÃO

O campo da Ecologia Humana do Sertão deve envolver saberes, práticas, sentidos conceituais e saberes marginalizados, como a oralidade das comunidades originais que tratam da condição humana dentro da complexidade de interações socioambientais no semiárido nordestino. A construção epistemológica na sociedade do conhecimento em rede, extravasa os lugares de legitimação oficial dos conhecimentos e entra pelo acervo dos saberes tradicionais e da aprendizagem vivencial.

Durante a modernidade as ciências sociais mantiveram uma linha de mocultura de saber que não atendia aos saberes criados e que agitavam a paisagem dos povos, nem a produção de saberes quando não eram legitimados pelas instituições de regulação dos conhecimentos. O senso comum apenas era reconhecido depois da triagem das autoridades acadêmicas e científicas. Por outro lado os campos dos saberes e a pluralidade epistemológica ganhavam novos folego, com a perda de influência do pensamento abissal. A razão metonímica dominante da modernidade, tem estado tendencialmente a ser substituída no séc. XXI dando lugar à emergência de uma razão complexa. *“A forma de representação que expressa essa mudança, ao nível das categorias analíticas e conceptuais envolvidas na problemática da pesquisa e na produção dos conhecimentos, corresponde a um imaginário particular dentro de um modo de produção semântica específico”* (MIRA, 2014:56).

A tensão paradigmática deste processo aproxima a

epistemologia da validade científica e abre-se a outras subjetividades e fatores exteriores, advindos de interesses políticos, econômicos e dos movimentos sociais. A maioria das vezes a comunidade científica para defender seus interesses, constrói o sucesso de sua atividade científica e do seu conjunto de teorias, e não pela essência das atividades e as teorias. Assim, pode-se dizer que é a competição o processo histórico que realmente resulta na rejeição ou aceitação de uma teoria (KUHN, 2009).

A alteração da correlação das forças mundiais, implicou a mudança de pressupostos o que democratizou o processo científico e a introdução de novas regras de método. Mas os procedimentos lógicos e as técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos mantiveram-se apesar da grande variedade de envolvimento cognitivos. No campo das ciências sociais o sujeito e o objeto são os mesmos, pelo que a pesquisa requer mecanismos de distanciamento, apesar das subjetividades e da tecnologia estruturante dos resultados.

“As sociedades ocidentais produziram conhecimentos que constituiram uma verdadeira apropriação do mundo adaptada a certo modo de vida cotidiana, certa organização coletiva, a certos valores socioculturais” (JAPIASSU, 2007:33). As abordagens a realidades diferentes enformaram as etnociências (expressão tolerada e menor dos saberes científicos universais) que foram geradas no ventre da antropologia cultural na primeira metade do séc. XX e que deram ênfase aos métodos de concepção, produção e manutenção de conhecimento dos povos não ocidentais. Assim incluíram os fenômenos de compreensão de si mesmo (autoecologia), do outro (alterecologia) e do mundo (cosmovisão). Estas áreas propõem o reconhecimento dos saberes das populações e em ecologia humana as interações com o seu ambiente natural.

A análise dos sinais da natureza oferece informações sobre

a produção dos conhecimentos ambientais e o diálogo entre as estruturas internas dos paradigmas científicos da academia, e os conhecimentos de natureza popular do senso comum, o que leva a situações combinatórias entre áreas de conhecimento. Assim assistimos a novas propostas como a epistemologia ambiental e a epistemologia metafórica. Porém, *“o objecto de pesquisa é um processo lento e descontínuo, com retoques sucessivos. O contexto e as instituições capitalizam o direito de fundação e do domínio sobre as linhas de pesquisa e resultados finais, assim como os actores do processo de pesquisa estão inseridos em modelos sócio-culturais e histórias de vida que sugerem uma poética da experiência pessoal. A construção a partir de indicações práticas visando atingir todas as possibilidades explicativas e o mediador deste processo é a própria experiência de vida do investigador social”* (MIRA, 2013:34). Portanto, é necessário trabalhar a tradução e comensuralidade dos conhecimentos e saberes envolvidos de modo a chegar a sínteses hábeis e práticas de validade e reconhecimento.

As definições de ecologia humana são postuladas segundo os contextos enunciadores e essas tentativas são sempre limitadoras (MARQUES, 2012), de um campo que envolve *“o estudo, quer da ação do homem sobre a natureza, quer da ação da natureza sobre o homem”* (OLIVIER, 1979, p. 10). Sobre esta reflexão encontramos autores para quem a ecologia humana não é uma disciplina, ou uma ciência, mas um nível de pensamento (MACHADO, 1981). Mesmo que este autor não deixe claro esse tipo de pensamento, ainda assim podemos deduzir que diferente do cogito cartesiano condicionado à subjetividade, o nível do pensar humano ecológico envolve a condição incontornável do humano em face do seu entorno. Não apenas como o pensar teleológico da dialética ou o pensar lógico-pragmático positivista, talvez um pensamento inspirado na fenomenologia na medida em que expande esse conceito e reconhece o ser humano

como própria a natureza.

O seu caráter interdisciplinar, não pode ser praticado sem a integração de outras ciências, visto que a complexidade do seu objeto requer o diálogo entre conjuntos alargados de saberes. Na conceptualização de Steiner e Nauser (1993) a ecologia humana é “trans-científica” apresentando caráter interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar (MACHADO, 1981) ou adisciplinar (DYBALL et al., 2009; LAWRENCE, 2001) o que nos pode levar a considerar a ecologia humana como uma linguagem (MIRA, <https://www.youtube.com/watch?v=YUChvPM5ga>, 2016).

A ecologia humana enquanto linguagem exprime as interações dos grupos humanos com o seu meio ambiente, essas inter-relações envolvem interdependências, trocas e fatores pluricausais pelo que as suas metodologias de estudo devem considerar esses aspectos. *“O ponto inicial de uma pesquisa em ecologia humana é a definição de uma relação, mas ‘nenhum método’ será capaz de satisfazer, precisar ou atender, as necessidades, particularidades e diferenças em perspectivas dos campos de conhecimento distintos envolvidos na pesquisa humano-ecológica”* (ÁVILA-PIRES, 2009:202). A ecologia humana para além de descrever um tipo de realidade deve exprimir a dinâmica dos fenômenos no horizonte das inter-relações como expressão do seu *ethos*, facilitando aos grupos humanos pesquisados falarem de si e do seu ambiente biótico e abiótico, suscitar conceituações sobre o *que* e *como* experimentam suas práticas cotidianas e relações simbólicas. É um “processo sistemático com correções contínuas no intuito de entender as peculiaridades do solo, do clima, o comportamento da vegetação e da fauna como condições propostas” pelo ambiente aos grupos humanos. Esses estudos estão pautados na compreensão da existência de liames perpétuos entre sujeito e ambiente (MORAN, 1990).

É preciso compreender a ecologia humana como um grande

instrumento de reflexão e mudança em prol da vida (ALVIM, 2012), pelo que pesquisas deve partir dessas interações. Os modelos ecológicos são sempre provisórios, mesmo que observados em todos os tipos de pesquisa ecológica (MORAN, 1990). Em ecologia humana são multirreferenciais observam, dinâmicas específicas dos sujeitos com seu ambiente, assim, também a lida desses sujeitos.

Já em 1910 a Escola de Chicago, atribuiu à Ecologia Humana a tarefa de explicar os complexos sistemas ecológicos da experiência humana sobre a Terra o que foi depois aprofundado pelo Círculo Europeu de Ecologia Humana e no âmbito da Sociedade Americana de Ecologia Humana. As pesquisas em Ecologia Humana no Brasil ainda são bastante incipientes (MARQUES; ALVIM, 2014) apesar de haver um Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Gestão Socioambiental na Universidade do Estado da Bahia que escolhemos como exemplo de análise. A formalização deste programa junto aos órgãos legais enquadrou-se na área das ciências como pertencente ao campo da ecologia aplicada, depois área da biologia, e por fim à biodiversidade sem pensá-la como sociobiodiversidade. E *“ainda não conseguimos enquadrá-lo nos sistemas classificatórios que tratam dessas áreas do conhecimento em nosso país”* (MARQUES, 2012:17).

Não obstante os esforços, o programa denota dificuldades que advém da adoção de conceitos sem revisão epistêmica e a adoção de modelos de pesquisa desajustados dos princípios de validação teórico-metodológicos aplicados pelas ciências sociais e da transdisciplinaridade. O inventário dessas dissertações apresenta horizontes temáticos que precisam de ser reforçados com uma articulação mais atualistas e uma territorialização abrangente. Deveria proceder-se à revisão dos discursos e representações de conteúdos, introduzindo novas possibilidades hermenêuticas aos objetos de pesquisa.

As metodologias estão ligadas aos avanços epistemológicos

e tecnológicos e sujeitos a regras do mercado, sugere-se que a imaginação e a criatividade enfrentem os desafios da subjectiva dos saberes em disputa e participem mais activamente no processo de pesquisa. Os campos da ecologia humana devem produzir “*conhecimento para compreender a relação do homem com o seu eco-sistema, para responder à interrogação de qual o seu lugar na natureza logo, a ecologia humana poderia ser definida como uma tríade ontológica: ser humano-sociedade-ambiente, na perspectiva de uma ecologia prática*” (MACHADO, 1981:21). Esta abrangência tem de levar à realização de modelos específicos de governação dos territórios e recursos naturais “*há necessidade de um nova cultura política para que os princípios da Economia Verde tenham sucesso*” (MIRA, 2014:92). A conservação dos recursos naturais, o combate às mudanças climáticas, a contaminação dos ecossistemas, tem de estar associada à desigualdade socioeconômica e à melhoria das condições de vida das populações, enquanto combate as ideias conservadoras dos movimentos ambientalistas neoliberais.

1. AS GENTES DO SERTÃO NORDESTINO BRASILEIRO

As populações sertanejas do nordeste brasileiro estão inseridas em territórios socioambientais estruturantes da sua existência que envolve Semiárido e Caatinga, Nordeste e Sertão, e apresentam várias significações e importância nas suas vidas.

O semiárido brasileiro abrange uma área entre 969.589,4 km² e 982.563,3 km² onde a Região Nordeste concentra entre 84.5% e 89,5% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2004; IBGE, 2014). Os seus 1.133 municípios estão distribuídos por 9 estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) O semiárido vai até ao norte de Minas Gerais (11,01%) e norte do Espírito Santo (2,51%) e na

sua superfície vivem 22 milhões de pessoas, que representam 11,8% da população brasileira (IBGE, 2010). É o semiárido mais populoso do planeta e aparece frequentemente referenciado a secas resultantes da ausência periódica de chuvas na maior parte do ano, devido à alta variabilidade espaço-temporal e escassez dos recursos hídricos naturais, exceto nos lugares próximos do rio São Francisco. Mesmo assim, o semiárido brasileiro é o mais chuvoso dentre outros semiáridos do planeta, ainda que as chuvas sejam irregulares. Além disso, a quantidade de chuva é menor do que o índice de evaporação, que é de 3 mil mm/ano, a evaporação é três vezes maior do que a quantidade de chuva que cai (ASA, 2004).

A maior parte do território semiárido está coberta por caatinga¹, um bioma complexo com grande variedade de paisagens, fauna e flora que ocupa 844.453 km², cerca de 11% do território nacional e inclui os estados nordestinos e o norte de Minas Gerais. A população estimada que habita o bioma Caatinga é de cerca de 24 milhões de pessoas (MMA, 2009/2010:43) dependendo dos recursos do bioma para sobreviver. A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro, uma boa parte de suas espécies são endêmicas, não existem noutros lugares e a sua biodiversidade é muito diversificada. O bioma abriga muitos tipos de espécies: 178 de mamíferos, 591 de aves, 177 de répteis, 79 espécies de anfíbios, 241 de peixes e 221 de abelhas. A vegetação configura uma “savana estépica” com diferentes tipos de paisagens únicas, onde se destacam as lagoas, os refúgios montanhosos e os rios permanentes e intermitentes. A sua composição florística não é uniforme, os arbustos espinhosos e as florestas sazonalmente secas, compõem uma complexa vegetação arbustiva, ramificada e espinhosa, muitas bromeliáceas, euforbiáceas e cactáceas protegidas em unidades de conservação federal e estadual (COIMBRA-FILHO; CÂMERA, 1996).

1. Termo de origem tupi que significa mata branca.

A região Nordeste está dividida em quatro sub-regiões: meio-norte, zona da mata, agreste e sertão. Apesar de ser a segunda região mais populosa do país com 53.081.950 habitantes para 190.755.799 habitantes do Brasil, a sua densidade demográfica é baixa, apresenta cerca de 34,1 hab./km² e uma forte disparidade geo-populacional. O agreste está densamente povoado tal como a zona da mata onde reside 40% da população (IBGE, 2010), gerando fortes diferenças físicas e sociais. O Nordeste tem 70% dos mil municípios com menor IDH do Brasil e que estão em áreas semiáridas ou subúmidas, mas não se pode afirmar que há uma relação direta entre a pobreza e o clima semiárido, dado que várias cidades bastante áridas possuem IDH maior que o de outras mais húmidas e mais chuvosas. Então a que se deve esta situação? A situação deve-se a graves problemas socio-económicos reprodutores de todos os tipos de desigualdades incluindo raciais e xenofóbicas.

O Sertão situa-se na parte mais interior do Nordeste, nas mesorregiões entre o Agreste e o Meio Norte e está presente em quase todos os estados da região. A designação de Sertão pode vir da colonização portuguesa que ao compor as diferenças climáticas do litoral e do semiárido chamou-lhe “desertão” sendo entendido “de sertão”, ficando a designação sertão; ou deriva do latim “sertanus”, que significa área deserta ou desabitada. Em ambos os casos está associada á penetração no interior durante os séculos XVI e XVII e ao deslocamento da criação de gado do litoral para o interior, devido à necessidade da ocupação de terras para expansão da lavoura de cana-de-açúcar, principal produto de exportação da economia colonial.

A área foi conquistada por europeus com escassos recursos, mas o incremento da pecuária possibilitou o desbravamento nos sertões. Os caminhos das boiadas fizeram a articulação e o intercâmbio entre o litoral nordestino e o interior, dando origem a diversas cidades. O rio São Francisco constituiu uma via natural de

entrada para o Sertão, ampliando a extensão da área dessas trocas.

O território do sertão foi a última região a ser conquistada aos índios no séc. XVII devido ao seu potencial hidro-geológico e tornou-se pioneira da grande pecuária durante o séc. XVIII nas principais bacias da zona (São Francisco, Jaguaribe, Piranhas-Açú, alto Paraíba). No século XIX a decadência da pecuária é compensada pelo bom do algodão exportado para Inglaterra, mas depois do ciclo do algodão assistimos ao êxodo dos sertanejos durante o séc. XX em direção ao Acre e outras regiões.

Apesar do seu clima semiárido dominado pela caatinga, com chuvas escassas, mal distribuídas e ausência de cursos d'água, em algumas regiões há períodos do ano com terrenos húmidos, chamados de brejos, onde se cultiva milho, feijão e cana-de-açúcar. Os cursos d'água do sertão são rios temporários, com exceção do Rio São Francisco, cuja bacia é a maior da região e a única fonte de água para as populações ribeirinhas, sendo também aproveitada para irrigação e fonte de energia hidroelétrica.

O sertão da atualidade ocupa 36% de espaço rural e tem uma taxa de urbanização de 64%, ficando as maiores concentrações humanas nos vales dos rios Cariri e São Francisco. A única capital nordestina localizada no Sertão é a Região Metropolitana de Fortaleza no Ceará, Petrolina apresenta o maior aglomerado do interior sertanejo e Vitória da Conquista é a maior cidade de interior.

Estes centros urbanos exercem significativa influência em todo o sertão, incluindo a distribuição das populações por cor e raça, que segundo as categorias do IBGE, apresenta 62,5% de pardos, 29,2%, de brancos, 7,8% de negros e 0,5% de indígenas com diferentes origens e condições de vida. No espaço rural encontramos reduzidas comunidades tradicionais de indígenas de várias etnias, assim como comunidades de remanescentes quilombolas. As populações que habitam as margens do São Francisco ou o seu interior vivem

das produções nativas ou adaptadas, é assim que garantem a sobrevivência as famílias agricultoras da região. A tendência de desertificação humana no interior é efetiva pelo que a intervenção para melhorar condições socioeconômicas das populações de interior são muito importantes e requerem novas racionalidades de intervenção ajustadas às necessidades.

Os residentes na parte urbana apresentam estilo de vida semelhante a qualquer outro aglomerado urbano brasileiro, onde são evidentes as desigualdade e grandes focos de pobreza. Esta situação tem levado ao crescimento da criminalidade urbana, envolve jovens de baixa idade, enquanto as policias afirmam ter falta de recursos para os deter. O policiamento requer um dispositivo apoiado por meios efetivos e uma nova relação entre a periferia e a cidade. A análise criminal a esta situação e aos resultados das Operação Severin e Programa Pacto pela Vida questiona a criminalidade como uma ação de policia ou de sociedade. No quadro de um novo conceito de segurança humana a lei e a ordem também pertencem ao mapeamento do desenvolvimento socioeconômico e ambiental.

Relembrando Gandamer *“a pulsão agressiva só pode ser ultrapassada mediante a educação (...) e cultura. Estamos marcados, na nossa autoconsciência e na sua articulação linguística da cultura animi, da cultura espiritual. (...) O que se nos apresenta na palavra e na essência da cultura não é apenas o prazer do jogo livre, mas também a fadiga da sementeira e da colheita do espírito: a formação para o humano”* (GANDAMER, 2001:16). É uma matéria a que merece ser atendida porque a taxa de analfabetismo em municípios de até 50 mil habitantes na região Nordeste do Brasil é mais de três vezes superior que a média nacional (IBGE, 2010). Os vários estudos indicam a baixa escolaridade como o principal fator para a pobreza no Nordeste e para a manutenção dos mecanismos de subserviência das populações carentiadas.

A taxa de crescimento anual da população é de 1,15 e a taxa de fecundidade é de 2,59% o que facilita a reposição da mão de obra útil em idade produtiva. Porém a esperança de vida ao nascer, varia entre 62 anos para homens e 68 para mulheres que para além de ser baixa entra pela idade de aposentadoria de 65 anos. Também o nível de IHD, onde a situação da saúde está incluída, é muito baixo com 0,751 (IBGE, 2010) o que se agrava nas áreas rurais. Este indicadores do nordeste quando são extrapolados para a sub-região do sertão justificam que pelo menos 22% da população em 2010 seja beneficiária do programa de transferência de renda Bolsa Família e apresente uma extensa faixa no mapa da extrema pobreza do Brasil. Como é que a Quais são as propostas dos estudiosos da Ecologia Humana para estas situações?

Os cuidados de saúde primários são escassos a salubridade publica é transversalmente deficitária. A base alimentar da população sertaneja rural são o feijão, a mandioca, o milho que provém de uma precária agricultura de subsistência e da comercialização dos excedentes. Apesar da progressiva melhoria das últimas décadas está longe das necessidades básicas fundamentais.

A identidade sertaneja foi construída num clima semiárido, no meio da caatinga e de um Rio São Francisco de todas as esperanças. As estiagens prolongadas oferece ao sertão nordestino uma paisagem típica com vegetação catingueira. A sua vestimenta etnográfica, compõe-se entre outros do gibão, perneira e bornal do sertajo articula-se com o meio ambiente, clima e relação com o gado. Devido à escassez de água são comuns as cisternas e os açudes que armazenam a água disponível no período de chuvas que costumam cair de forma concentrada durante três meses do ano fazendo a vegetação renascer. *“O tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”* (GEERTZ,

2011:93). Essa inter-relação do sujeito com bioma, a dinâmica cultural e ecológica do seu modo de produção e subsistência como processos de interação homem/ambiente é estruturada na dinâmica dos próprios grupos.

A cultura do sertão nordestino está intimamente ligada ao clima e à história de sua colonização (foi a primeira região interior do Brasil a ser colonizada). Rica em fatos e protagonismos, dependências e lutas. A criação de gado que avançou pelo sertão até hoje é uma das principais actividades da região, ajudou na criação de uma linguagem e expressividades típicas, aparecendo bastantes repentistas com habilidade da arte da rima e no improvisar de versos. A cultura, numa primeira indicação, pertence a âmbito de tudo o que cresce em virtude de apertar-mos.

A sustentabilidade identitária para além dos elementos estéticos comporta a política da sua existência. O universo de crenças nordestinas apresenta traços sincréticos acentuados e intensas superstições, não obstante a pressão das religiões institucionais dominantes, que se aproveitam da ingenuidade, medo e falta de sentido crítico para impor as suas rigorosas regras de pensamento teológico. Para o sertanejo adulto a religiosidade é um acontecimento bastante presente em seu cotidiano e com alguma certa relação com suas actividades económicas (festas juninas, festa da padroeira, romarias).

A relação do sertanejo com o divino é ainda sincrética, muito embora o catolicismo seja a matriz de maior expressão. Todavia, ainda é possível identificar - com alguma atenção - a presença de gestos e práticas de matrizes religiosas africanas e indígenas no cotidiano do sertanejo comum imbricadas à sua fé. Em algumas situações a religiosidade das comunidades quilombolas do sertão têm a sua representação em comunidades de terreiro, mas aqui nos parece ainda minoritária, visto a presença histórica da igreja católica neste

locais; deste modo, o culto velado ou a visitação a terreiros e a “gente sabida” por parte de membros da comunidade são fenômenos reais.

“É sempre tarefa ingrata acercar-se dos textos em que se expressa o pensamento autoritário no Brasil” (CHAUI, 2013:22) porém esta matéria é incontrolável numa região que apresenta problemas históricos e as formas de poder autoritário egoísta afeta o processo de acumulação e redistribuição de riqueza. (...) *Abolindo a distância entre o mundo e o discurso, as imagens soldam o real e a palavra fazendo com que o primeiro se organize de acordo com os parâmetros da segunda, que se torna, então, organizadora da realidade da ação* (idem, ibidem:35). O neo-coronelismo herdado e que ainda não foi resolvido é um problema da ecologia política e de não somenos importância socioambiental, que circula nas atividades quotidianas e nas atitudes pessoais.

As imitações de topo dos grupos que integram as classes médias emergentes tem degenerado em ato de afirmação ostensiva. As relações de poder apresentam traços de sistema de submissão caquista isso é notório nos serviços públicos e nos espaços sociais coletivos. Essas formas, para além de demonstração de realização mantém o desapego humanista para com os carenciados. As pessoas da periferia e que vem da roça, para além de se distinguirem na forma de vestir e na fala, apresentam dificuldades de manejo de situações. Os obstáculos levantados obrigam a esforços redobrados a dispêndio de energias que poderiam ser utilizadas para o crescimento de ações de empreendedoras. Não é exagero afirma que na simples observação do quotidiano *“há uma forma autoritária de pensar, e não apenas pensamentos que nasçam de formas autoritárias de agir. (...) O pensar autoritário tem a peculiaridade de precisar recorrer a certas decretadas antes do pensamento e fora dele para que possa entrar em atividade”* (Idem, ibidem:27).

2. A SOCIOECONOMIA SERTANEJA

O sertão nordestino apresenta a riqueza do seu complexo bioma, uma atipicidade demográfica e um clima que afecta o desenvolvimento regional. Nas terras próximas ao rio São Francisco cresceu a fruticultura irrigada com a produção intensiva de melões, mamões, cítricos e uvas. A produção de vinho em torno de Petrolina (Pernambuco) e Juazeiro (Bahia) e na área do vale do Rio Açu (Rio Grande do Norte), beneficiada pela mão-de-obra barata e pela existência de solos com alta fertilidade mineral. É a única zona vinícola semi-equatorial do mundo, com duas safras por ano que produz um vinho descende de cepas ítalo-estadunidenses.

A Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento-RIDE Petrolina e Juazeiro é o maior exportador de frutas e o segundo maior pólo vitivinicultor do Brasil, mas a fruticultura mais importante no Sertão é o caju (Ceará e Rio Grande do Norte) e a lavoura comercial dominante o algodão. Nas terras que se estendem pela margem esquerda do rio São Francisco, encontramos grandes extensões de cerrado onde se cultiva soja. No sertão ainda subsistem produtos extrativistas e de cultivo localizados, como caroá, piaçava e sisal para produtos de fibras; maniçoba e mangabeira para produtos de goma; oiticica para produtos de óleo e carnaúba para a produção de cera.

As águas do São Francisco foram aproveitadas para barragens e usinas hidrelétricas dirigidas pela Eletrobras Chesf S.A que produz e comercializa energia elétrica para o nordeste e tem aparecido empresas de piscicultura, mas há muitas várzeas que podem ainda ser aproveitadas. A pecuária extensiva – gado bovino e caprino – destaca-se como atividade econômica mais difundida da caatinga. Os maiores rebanhos bovinos estão na Bahia com cerca de 11 milhões de cabeças, seguido do Maranhão com 6 milhões, Ceará e Pernambuco com 2 milhões e Piauí com um milhão e meio. As criações de caprinos são

mais resistentes e por isso mais numerosas do que de suínos, ovinos e aves.

Começa a despontar o interesse pelo turismo e ecoturismo, valorizando as paisagens, a natureza e a arqueologia na caatinga. Para o seu incremento haveria de fomentar-se a criação de campos da ciência e tecnologia com reconhecida excelência, dando continuidade ao processo de crescimento e expansão, iniciado na década de 2000. Mas ainda predomina a agricultura de subsistência, prejudicada pelas constantes estiagens o que causa grandes prejuízos pelo que devem ser tomadas medidas desenvolvimento que passem pela criação de um mercado local de desenvolvimento sustentável, atendendo à agroecologia, agricultura familiar e projetos de pequena e média. Ao mesmo tempo que são geradores de renda poderão dar visibilidade à invisibilidade do trabalho escravo, valorizar o peso da mulher na economia local e recolher os saberes dessas gentes do lugar.

A transmissão dos conhecimentos socioambientais das gentes do Sertão baiano envolve vários experimentos entre a Natureza e os grupos etno-culturais. A vida no sertão implica uma adequação e um saber apoiado em bioindicadores naturais que no conjunto formam um campo de intertextualidade socioambiental que configuram uma biosemiótica popular sustentável. Nestas circunstâncias a sustentabilidade das pessoas está associada à sustentabilidade do ecossistema do bioma caatinga. É isso que encontramos na produção familiar de algodão, mandioca, milho, palma, feijão de corda, macaxeira, e batata, plantada no quintal, num pedaço de terra, ou na roça, aplicando saberes arcaicos e tradicionais, efetivados por meio da reprodução de memórias. Assim contribuem para a consciência de sustentabilidade e preservação socioambiental.

Os problemas sertanejos não se devem apenas a dificuldades socio-ambientais por secas constantes, pouca diversificação agrícola, ou inexistência de indústrias e actividades económicas, mas pela

manutenção de uma estrutura político-económica assente numa lógica fundiária onde a concentração de renda se mantém num reduzido grupo de famílias, muito fechado. Então o padrão de acumulação, assente em baixos salários continua a gerar situações de graves desigualdades.

Estas circunstâncias levou à migração dos mais ousados para as áreas urbanas, fugindo da seca, miséria e falta de perspectivas. E a esperança de uma vida melhor nas grandes cidades nordestinas manteve-se, mesmo quando se instalaram em bairros desprovidos de infraestruturas e marginalizados, por falta de recursos próprios, agravando ainda mais os problemas sociais e urbanos dessas cidades. Em síntese podemos dizer que enquanto a maioria da população sobrevive de maneira precária, existe um pequeno grupo que vive nos mais altos padrões de vida e consumo. A ecologia humana tem de fazer a crítica ao sistema capitalista local reprodutor da desigualdade sertaneja e denunciar as reapropriações das indústrias de despoluição de ambientalistas para promover ideias de ecodesenvolvimento e inclusão social abrangentes quer para o espaço urbano quer para o espaço rural, para todos os grupos e categorias sociais de forma sustentável e duradoura.

3. A CONVIVÊNCIA COM O SERTÃO: ENQUANTO PINGA NÃO SECA

Foi num clima tenso que se instituiu a “Operação Nordeste” e posteriormente a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste avançou com vários planos de intervenção idealizados por Celso Furtado. Em quase todo o sertão houve projectos de desenvolvimento mas grande parte ficou incompleta ou foi abandonada conjungando desperdício, má utilização e desvio de recursos sem os benefícios esperados para a população. Mas a indústria da seca permitiu ao empresários adquirir empréstimos em condições especiais e garantir votos eleitorais aos políticos, sob a promessa de acabar com a fome e

a miséria da região. As condições socioeconômicas pouco melhoraram apesar do crescimento industrial baseado em incentivos e isenções fiscais, a agricultura e a pecuária apresentam quedas sucessivas no PIB do sector.

A estiagem implica um olhar mais profundo sobre os projectos, atendendo que o desenvolvimento sustentável exige a aplicação de conhecimentos ambientais de convivência com o semiárido. Então como interpretar os planos de transposição do rio São Francisco e as expectativas para promover a economia de escala do sertão? Será que o rio tem capacidade para suportar tantos tranvasos? Foram acauteladas as condições de vida das populações ribeirinhas?

Tanto no plano conjuntural como no plano estrutural deciframos dois modos de produção no sertão: a produção extensiva de grande escala capitalista também designada de agronegócio e a produção familiar de subsistência ou complementar à renda do agregado dentro do ecossistema. Em ambos os modos é preciso considerar a biodiversidade como um bem comum estratégico a preservar mas também um bem a rentabilizar de uma forma sustentável e nem sempre isso tem acontecido acarretando prejuízos para toda a gente. As chuvas esporádicas e o auxílio emergencial não podem fazer esquecer a necessidade de se criarem alternativas eficazes para combater o problema. Uma alternativa para garantir água durante a seca na zona rural são as cisternas de baixos custos com capacidade de 15 mil litros que podem abastecer uma família de 5 pessoas por 7 a 8 meses de estiagem e o incremento da utilização da energia solar. Num horizonte de 50 anos o avanço de novas formas de energia irá permitir desativar muitas usinas libertando rejuvenescendo o Rio S. Francisco e a utilização das águas para outros. Haverá um reordenamento da sua flora e fauna pelo que se justifica a pesquisa no campo da agroecologia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então como podemos traduzir os sentidos do existir a partir do *lugar de habitar* e ajudar na convivência com o sertão? É preciso reelaborar a linguagem a partir do ponto de ruptura das representações ecológicas do colonizador interno. Agora precisamos de identificar o colonizador quem e onde se localiza, qual é o seu *modus operante*. Todos os mecanismos coloniais criaram justificações que foram apoiadas pela Ciência, enquadrando práticas para influenciar os rumos e as orientações políticas. A intervenção científica serve o aparato ideológico das práticas coloniais nas diversas instâncias do conhecimento e serviram o propósito de dominação, determinada pelas motivações de um determinado modelo de exploração económica. Diante deste panorama das principais questões que os académicos da ecologia humana podem tratar com base nos seus fundamentos teóricos e no contexto do semiárido do sertão nordestino é descolonizar as práticas de dominação e participar com sujeitos do lugar e pelo lugar onde ela é desenvolvida.

Nestas circunstâncias como é que a ecologia humana pode contribuir para assegurar a sustentabilidade quer do bioma caatinga quer das populações, em especial das zonas rurais e das populações carenciadas? Os pesquisadores da ecologia humana tem de fazer trabalho de campo no terreno, deixar o conforto dos gabinetes ou recorrer as pesquisa intermédia através de alunos. As pesquisas necessitam deter a participação dos sujeitos do lugar como suporte teórico, conceitual e metodológico, mais o aporte científico de diversas áreas do saber, para construir produtos utilitários de forma aplicada. A realidade refletida a partir da complexidade do lugar de habitar

aumenta a consciência ambiental de todos os envolvidos e tornam a abordagem socioeconomia do espaço e o combate à desertificação humana no semiárido bahiano instrumentos para a construção de uma democracia participativa. O desenvolvimento sustentável do sertão requer a aplicação de propostas assentes numa epistemodiversidade a vários níveis onde a intertextualidade socioambiental e as diferentes percepções ecológicas e de sustentabilidade podem contribuir para reescrever uma nova ecologia pós-ecológica.



◆ REFERÊNCIAS ◆

ALVIM, A.W. B de. **Ecologia Humana – da visão acadêmica aos temas atuais**. Maceió: EDUFAL, 2012. 183p.

ASA - ARTICULAÇÃO NO SEMI-ÁRIDO - 2004. Disponível: <http://www.asabrasil.org.br/body_semiarido.htm>. Acesso 12 de mar. de 2014.

ÁVILA-PIRES, F. Human Ecology and Health. In BEGOSSI, A.; LOPES, P. (Orgs.) **Current Trends in Human Ecology**, p. 202-221, 2009. Disponível em: <<http://www.fisheriesandfood.org/pdf/2009/2009-current.pdf>>. Acesso out. 2013.

CHAUÍ, M. **Manifestações Ideológicas do Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Autêntica Editora, 2013. 294p.

COIMBRA-FILHO, A.F. e I. de G. Câmara. **Os limites originais do bioma Mata Atlântica na região Nordeste do Brasil**. Fundação Brasileira para Conservação da Natureza, Rio de Janeiro, 1996.

DYBALL, R., et al. 'New directions in human ecology education'. In: LOPES P. e BEGOSSIA. (Eds.) **Current Trends in Human Ecology**. UK: Cambridge Scholars Publishing, Newcastle-upon-Tyne, , 2009.

GANDAMER, O. **Elogio da Teoria**. Edições 70, Lisboa 2001. 144p.

GEERTZ, C. **A Interpretação da Cultura**. Reimpressão da 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2011. 323p.

KUHN, T. **As Estruturas das Revoluções Científicas**. 9ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009. 262p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE, **Indicadores Sociais 2004**.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE,
Censo de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE,
Indicadores da População 2014.

JAPIASSU, H. **Como Nasceu a Ciência Moderna e as Razões da Filosofia.** São Paulo: Imago, 2007. 328p.

MACHADO, P. de A. Ecologia Humana, Conceitos e Oportunidades. In: **Anais** da 2ª. Jornada Brasileira de Ecologia Humana. Campinas: UNICAMP, 1981.

MARQUES, J. **Povos, comunidades tradicionais e meio ambiente.** In: Revista Ouricuri. Disponível em: <<https://sites.google.com/a/nectas.org/revistaouricuri/edicoes-anteriores/vol1>> Acesso: 20 1go. 2016.

MARQUES, J. (Org.). A Ecologia Humana no Brasil. In. *Ecologias Humanas*. Feira de Santana: UEFS, 2014c

MARQUES, J. & ALVIM, R. G. **Grupo de Pesquisa Ecologia Humana.** CNPq; CAERDS/UNEB/FAMESF, 2014.

MARQUES, J. **Ecologia da Alma.** Petrolina: Franciscana, 2012. 64p.

MIRA, F. **Ao Correr do Olhar - Contributos para uma epistemologia metafórica.** Portugal: Oficina do Espírito, 2013. (Edições Subjectivas).

MIRA, F. **Anotações da Aula de Epistemologia Ambiental.** Paulo Afonso: UNEB/PPGEcoH/GP-SEDES, 2014.

MIRA, F. As Cores da Economia e o Desenvolvimento Sustentável. In: MARQUES, J. (Org.). **Ecologias Humanas.** Feira de Santana-BA: UEFS, 2014b.

MMA - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Diretoria do Programa Nacional de Conservação da Biodiversidade (DCBio). **Quarto**

relatório nacional para a convenção sobre diversidade biológica. Brasília, 2009/2010. 250p.

MORAN, E. **Adaptabilidade Humana.** São Paulo: Edusp, 2010. 512p.

MORAN, E. **Meio Ambiente e Ciências Sociais.** São Paulo: Editora Senac, 2011. 307p.

MORAN, E. **A Ecologia Humana das populações da Amazônia.** Petrópolis: Vozes, 1999. 367p.

OLIVIER, G. **A Ecologia Humana.** Lisboa: Interciência, 1979.

SILVA, W.A. da. **Os Sentidos do Lugar Quilombola:** um estudo sobre a convivência com o semiárido nas comunidades de Cruz, Burnio e Lagoas das Pedras. 2016. 153f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Soioambiental) - Universidade do Estado da Bahia – Campus VIII, Paulo Afonso-BA, 2016.

STEINER, D. e NAUSER, M. **Human Ecology - Fragments of anti-fragmentary views of the world.** London: Routledge, 1993. 365p.



◆ Capítulo 3 ◆

CANDOMBLÉ E UMBANDA: A RESISTÊNCIA DOS TERREIROS NO MÉDIO SÃO FRANCISCO

Danilo Borges e Silva de Araújo¹
Irenilda Maria da Silva¹
João José de Santana Borges¹
Juracy Marques^{2,*}

1. Estudantes de Graduação do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, *Campus III*, Avenida Edgard Chastiner, s/n, São Geraldo, 48902-400, Juazeiro, BA, Brasil.

2. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, *Campus III*, Avenida Edgard Chastiner, s/n, São Geraldo, 48902-400, Juazeiro, BA, Brasil.
Email: juracymarques@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

A Constituição Federal Brasileira assegura liberdade de consciência e de crença a todos. As cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), mesmo possuindo mais de 400 terreiros de candomblé e umbanda (MARQUES, 2015), abrigam uma população que ainda sofre ataques decorrentes de suas práticas religiosas. Nesse texto, objetivamos fomentar a discussão sobre a religião de matriz afro-brasileira, contribuindo para dar visibilidade e empoderamento aos seus agentes, além de discorrer sobre a discriminação, intolerância e o racismo, patentes na nossa sociedade. Esse trabalho estrutura-se da seguinte forma: uma breve revisão teórica sobre a religião na Bahia, interseccionando com o médio São Francisco e a memória oral desses grupos, baseando-se na literatura de Roger Bastide (2001), Juracy Marques (2015), Ecléa Bosi (1994), respectivamente, além da oralidade dos membros desses cultos na região. Percebe-se que, parte das ofensivas sofridas tem se apresentado como um motivador dos processos políticos-organizativos dos grupos.



◆ INTRODUÇÃO ◆

É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias (CF. ART. 5º., VI).

Em nenhum período da história houve uma única religião em todo o mundo (SILVA, 2004), a diversidade religiosa existente no mundo também se configura no Brasil desde a sua formação. Vivemos em um país onde é protegida por lei a liberdade de crença e culto, onde o estado se denomina laico, não sendo caracterizado por uma religião definida.

Somos diferentes, etnicamente, historicamente, linguisticamente e dentre outras a religião não estaria à parte. A diversidade religiosa é IMANENTE às sociedades humanas. Seus elementos discursivos e simbólicos estão presentes em variadas interações sociais, sejam elas entre os religiosos (onde a crença é multifacetada), entre os religiosos e os não religiosos, entre as expressões internas da mesma religião (ibidem), enfim a profundidade/diversidade entre o crer e o não crer entrelaça a constituição do ser humano.

Embora seja assegurado pelo estado o direito a professar ou não a sua crença, a imposição de uma fé adjunta com a intolerância religiosa deixou de ser característica do passado. Muitos conflitos continuaram/continuam sendo alimentados a partir de convicções ou sob a justificativa de crença e consciência (ibidem). Dessa forma, contribuir para que haja o fomento de discussões sobre as religiões e para o processo de empoderamento dos grupos minoritários, se faz mais do que necessário, sentimos a necessidade de sermos

sujeitos onde daremos vozes e visibilidades a esta causa, não como protagonista, mas utilizando como meios de mediação.

1. MEMÓRIA

A memória de um povo é constituída por suas tradições, ritos, valores que estão intrínsecos nas histórias dos grupos, perpassando o tempo, construindo e fortalecendo a resistência. Nos terreiros de candomblé e umbanda, por exemplo, a vivência de lutas experienciadas pelas famílias colabora para criação de. Dessa maneira se percebe a intolerância de grupos religiosos no médio São Francisco, que continuam a agredir, de várias maneiras, os adeptos da religião do candomblé e da umbanda nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, ligadas pelo Rio São Francisco.

Pare dessa realidade pode ser apreendida pela oralidade, cuja sistematização e análise, podem ser vista como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que pode privilegiar a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, dessas realidades que envolvem o sentido da vida nos terreiros de candomblé e umbanda. Importante destacar nesse cenário que ainda há preconceito sobre a cultura não letrada, característica central da maior parte desses grupos. No entanto este tipo de coleta de dados é de fundamental importância para reconstituir saberes e valores dos povos ignorados pela Ciência Convencional e pela historiografia clássica. As falas presentes nesse trabalho retratam certas histórias do candomblé e umbanda no Vale a partir de quem as vivencia. É dar espaço para que outras vozes sejam ditas, sejam dignas de se fazer ouvir como é possível verificar nas oralidades conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.

No momento da reprodução da história contada que é passada

de geração a geração, acaba por recriar novas, prolongando a existente, incluindo novos traços, perpetuando assim, novos grupos (BOSI, 1994, p.90). Isso pode ser percebido pela lembrança de Edna Paula de Souza, yalorixá de 38 anos, quando relembra (JURACY, 2015, p.36).

Sempre fui apontada na escola como a filha da feiticeira. Desde criança eu e meu irmão sofremos porque todo mundo achava que minha mãe era bruxa, macumbeira. De fato, já nasci no Candomblé e, quando criança, não tinha como entender o valor e a preciosidade da nossa religião. Eu senti tudo isso na pele. (Edna Paula, 38, entrevista concedida em 2014).

Por muito que a memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são para ele, e só para ele significativos dentro de um tesouro comum (BOSI, 1994, p.411). Como a história de Adriano Alves do terreiro Ogum de Ronda, em Petrolina (PE).

Sou o Pai Pequeno da Casa de Mãe Quinha. Tenho um respeito profundo pelos orixás. Já estive em diversos lugares, mas foi aqui que me senti bem, foi para cá que meus orixás me trouxeram. Orixá é essa força boa, poderosa, difícil de explicar, são as forças secretas da natureza. Sei do sentido de estar aqui. Somos uma família guiada pelas forças dos orixás e outras forças sagradas (Adriano Alves, entrevista concedida em 2015).

2. CANDOMBLÉ

“Houve escravidão. Houve resistência. E de vários tipos.” (REIS e GOMES, 1996). De acordo com esses autores foram introduzidos nas Américas cerca de 15 milhões de africanos escravizados, 40% desse contingente foram inseridos no Brasil. Dessa experiência produziu-se e enraizou-se em terras brasileiras o Candomblé e a Umbanda.

Marques (2015), em sua obra intitulada *Candomblé e Umbanda no sertão: Cartografia Social dos terreiros de Petrolina/PE e Juazeiro/BA* traça um panorama geral do tema na inserção do Brasil e nos apresenta uma primeira análise sobre o que são essas religiões de influências africanas:

Segundo Berkenbrock (in COUTO, 2012:42) “a palavra Candomblé provém provavelmente de *candom*, uma espécie de tambor”. A terminação *blé* não é conhecida nas línguas sudanesas e seria provavelmente uma corruptela da língua no Brasil. Já em Silva (2006) encontramos a indicação etimológica de que o termo Candomblé é de origem Banto, região africana entre a Nação Gêge e Nagô e significa “casa onde batem os pés”. Júnior (2012:43) diz que o Candomblé refere-se a universos complexos construídos pelos diferentes povos africanos que chegaram ao Brasil no período da escravidão quer seja os reinos de Angola e Congo, ou os reinos de fala ioruba, ou ainda do extinto império do Daomé ou de povos vindos da região sul do deserto do Saara. “Trata-se de uma incalculável diversidade que aqui recebeu denominações genéricas de congo, angola, malê, jêje, hauça, axante, ewe, fon, ijexá, nagô, e assim por diante”, descreve Júnior. Pesquisadores como Ramos (2011) ratifica que o Candomblé é uma religião brasileira, embora possua fortes relações com as raízes africanas. Segundo Prandi (2006): No Brasil, com a concentração do culto aos orixás nos terreiros, sob a autoridade suprema do pai ou mãe-de-santo, antigas confrarias africanas especializadas desapareceram, uma vez que o pai-de-santo passou a controlar toda e qualquer atividade religiosa desenvolvida nos limites de sua comunidade de culto. Os orixás dessas confrarias foram esquecidos ou se transformaram. (MARQUES, 2015).

As significações são múltiplas e variadas ao termo *candomblé*. Os adeptos reconhecem a origem do culto, na qual se traduz uma constante ligação com a religião a despeito da sua forte ancestralidade preponderantemente africana.

Os terreiros de candomblé são e sempre foram lugares de preservação da memória, tanto na relevante referência obrigatória aos ancestrais como na prática religiosa. De maneira que se percebe a importância fundamental da resistência que acontece na história da religião na região.

O autor Roger Bastide declara que:

[...] no caso do candomblé, é a tradição mítica que fornece ao mesmo tempo os quadros dos mecanismos de pensamento, das operações do comportamento humano, e finalmente, das trocas sociais, enquanto em nossa sociedade é preciso inverter a ordem dos elementos, passarem das trocas sociais para o comportamento, deste para os mecanismos das operações lógicas e, finalmente, para as ideologias. Não é o nascimento do pensamento lógico que constitui a revolução contemporânea e, sim, a morte da metafísica, ou pelo menos sua redução de papel de simples serva dos interesses humanos (BASTIDE, 2001 apud SANT'ANNA, 2001/2003).

A religião do candomblé embora africana não é religião só de negros. Penetram no culto também brancos e outras identidades humanas. É preciso dissociar completamente a religião da cor da pele. Hoje o candomblé e também a umbanda se caracterizam como complexas teias de significações sobre a identidade dos grupos humanos que, de alguma forma, partilham um sentido da própria vida com a memória da África. O candomblé é caracterizado mais pelo culto aos orixás, forças africanas. Na umbanda, onde também se cultuam os orixás, também observamos a forte presença das influências dos cultos indígenas e das tradições católicas e espíritas.

3. CANDOMBLÉ NO MÉDIO SÃO FRANCISCO

Falar das religiões de matrizes africanas (que se constituiu na diáspora africana) é também pensar na resistência de um povo, onde os hábitos, costumes, crenças fizeram/fazem parte da construção

histórico-cultural do país, além de contribuir para a estruturação das identidades.

O Médio São Francisco foi subdividido em outros três trechos depois da construção da eclusa de Sobradinho, em 1978. São eles: Pirapora (MG) ao município de Pilão Arcado (BA); De Pilão Arcado (BA) à Barragem de Sobradinho (BA); A Barragem de Sobradinho(BA) ao polo de Juazeiro (BA) /Petrolina (PE).

A partir dessa perspectiva analisamos nessa pesquisa as cidades de Juazeiro e Petrolina por serem as que apresentam o maior número das populações do Médio São Francisco e por termos a necessidade de reconhecer a diversidade étnica, cultural, historiografia e antropologia desse território, visto que nesse espaço há comunidade que possui forte ancestralidade preponderantemente africana.

Nessa região, há 23 Comunidades Negras Rurais Quilombolas, incluindo aquelas que estão em processo de etnogênese (GEOGRAFAR, 2005 apud SANTOS et al., 2013, p:8) e as pesquisas sobre os terreiros de Umbanda e Candomblé na região do São Francisco são quase inexistentes. São grupos submetidos historicamente a violentos processos de invisibilização (MARQUES, 2015). Além de que queremos com esse trabalho contribuir para que a discriminação, racismo, a intolerância religiosa patente na sociedade decresça conforme os relatos e conhecimentos aqui descritos.

Visto que a região de Juazeiro-BA e Petrolina-PE possuem mais de 400 terreiros envolvendo Candomblé, Umbanda, tendas, casas de sessão, mesas brancas, centros espíritas de orientação umbandista, casas de orações, casas brancas, entre outras. (MARQUES, 2015), utilizamos os saberes tradicionais que são descritos nas falas dos praticantes de culto e dos estudiosos para refletir sobre o modo como a religião é vista, além dos processos de resistência encontrados por parte destes.

Especificamente sobre o Candomblé percebemos que é a religião enraizada na experiência africana dos povos que foram trazidos para cá, e aqui desenvolveram um jeito particular de unir as ritualidades, os cantos, as práticas que culminou o que chamamos Candomblé. É o culto as forças da natureza, é o jeito que os povos africanos experimentaram a força da criação, os quais denominam de orixás. É a sua forma de experimentar a vida espiritual. Por exemplo, o jeito de olhar para os relâmpagos que chamam de lansã, o jeito de olhar para o mar que eles chamam de lemanjá, para a água doce que denominam Oxum. É uma ritualidade onde a natureza aparece nas celebrações.

Já para o Pai pequeno (Abaquerê), Adriano Alves do terreiro Ogum de Ronda em Petrolina - PE, o culto ao candomblé representa uma tradição ancestral, passada por gerações: *“Há uma forma muito reducionista, visto que é uma tradição ancestral, que existem códigos de conduta, de moral, existe uma cosmogonia muito elaborada. Como ser humano, o candomblé é uma religião de resistência, não é de hoje de termos de conviver com essas adversidades. Ratifica: No terreiro tive experiências, foi lá que aprendi a respeitar os idosos, as crianças, e principalmente as diferenças. E o que faço aqui vai contribuir para muitas outras pessoas de forma direta ou indireta”* (Entrevista concedida em 2015).

Para a praticante Maria Ferreira, o Candomblé é uma religião onde a prática foi sendo introduzida pelos seus antepassados, pelas avós, passada de geração a geração, algo muito presente em sua família. Além disso, a praticante traduz o significado em seu breve relato:

O respeito é um fundamento muito presente em todos que pertence ao Candomblé. O respeito à vida, as forças da natureza, as oferendas, ao próximo. Essencialmente é viver da natureza. O candomblé é para mim uma religião que me traz paz, que me ensina a viver. Nada mais, é a modo como

professo a minha fé. Essa religião faz parte da minha vida e de minha família, está presente há anos advinda pelos meus ancestrais” (Maria Ferreira, entrevista concedida em 2015).

Embora o estado assegure o direito a professar ou não a sua crença, a intolerância religiosa é algo frequente que tem ocorrido no cotidiano dos adeptos do candomblé e da umbanda nessa região. Muitos desses conflitos são alimentados por ignorância, preconceito e o racismo sobre a religião, ou ainda sob a justificativa da crença em outros segmentos.

A TV São Francisco, filiada da emissora Globo em Juazeiro (BA), veiculou uma matéria em 15 de julho de 2015, noticiando mais um ataque ao terreiro que existe há 39 anos e que sofre há cerca de três meses com ação de vândalos. O templo Ilê Abasy de Oiá Guenã, no bairro Kidé, chegou a ser arrombado algumas vezes, e a casa onde a mãe de santo mora com netos e filhos também foi apedrejada. Por causa disso, a líder religiosa de 63 anos passou a dormir na casa de vizinhos. O telhado do terreiro está todo danificado e as paredes foram marcadas com cruces. Quadros e fotografias também foram destruídos. Podemos destacar também o processo que criminalizou a Mãe Euzinha, de um terreiro de umbanda de Petrolina-PE, por fazer sacrifícios de animais ou mesmo, os permanentes ataques dirigidos a monumentos da Cidade de Petrolina por lembrar entidades do candomblé e da umbanda. Diz Adelaide: *Tenho minha casa. Não posso ficar dentro por causa desses problemas. Mas nunca revidei nenhuma pedra. Sempre aguentando tudo aqui dentro porque eu tenho fé muito em Deus e em minha mãe* (Adelaide Santos, entrevista concedida em 2015).

Adrino, um dos mais jovens babalorixás da região fala: *Sofri preconceito de forma muito cruel. Nas reuniões de famílias eu não sabia como reagir.* Melhor forma de viver com essas adversidades foi à aceitação da minha espiritualidade (Adriano Alves, entrevista concedida em 2015).

3.1. SOBRE A INFÂNCIA NOS TERREIROS E A NECESSIDADE DO RESPEITO

Se para adultos os efeitos dos preconceitos e intolerâncias quanto à prática da religiosidade quer no candomblé ou na umbanda são devastadores, imagine sobre as frágeis estruturas simbólicas e socioculturais das crianças adeptas dessas religiões.

As crianças não passam ilesas pelo preconceito, visto que desde cedo escolhem a sua religiosidade ou são escolhidas por ela, perpetuando assim, a tradição do candomblé e da umbanda. Várias já participam dos rituais nos terreiros acompanhando os pais, dessa forma aprendem cedo o caminho da espiritualidade, como também são alvos do preconceito por serem praticante do candomblé e da umbanda na região. Assim como comenta Jenifer Maira Pereira, 13 anos do Terreiro Ilê Dará Axé Omo Logun Edé.

Eu sofri muito '*bullying*' na escola, quando eu cortei o cabelo eu tinha que ir com o chapéu porque eu tinha medo que as pessoas podiam falar a meu respeito, aí uma vez eu perdi o chapéu e tive que ir sem o chapéu, as pessoas começaram a falar. (...) Aí um menino veio perguntar o porquê eu cortei o cabelo, aí eu disse que era por causa do candomblé, a partir desse dia eu comecei a sofrer '*bullying*' (Entrevista concedida à TV Caatinga em 2015).

Esse preconceito advém de um estado de ignorância no modo de experimentar a vida do outro e desqualificá-la. Atribuindo a partir do seu olhar, fazendo uma interpretação estereotipada da vida, das tradições, da cultura e da fé dos negros, com base em preconceitos racistas. Marques (2015) pontua:

É a tradução que humanidade fez com a cultura do negro. É a boca do negro, o nariz do negro, religião de negro. Não é admissível alguém se dirigir ao outro ser humano com essa interpretação. Nem tem como explicar que um ser humano é mais ou menos do que o outro. Quem teve que pagar foi o

povo negro, por esses preconceitos (Entrevista concedida em 2015).

A professora da Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro, Ceres Santos, percebe na região que para se manter a religião, a resistência é a maior arma utilizada pelos religiosos. Visto que a agressão é apresentada não somente de forma verbal, como também física, deixando o rastro de medo e temor em se declarar candomblecista ou umbandista:

A gente tem que pensar, que no Brasil ainda hoje questões religiosas, culturais são mal vistas pela sociedade, então isso faz com que as pessoas que são seguidoras do candomblé, tenham receio, tenham medo de afirmarem que são seguidoras dessas religiões de matrizes africanas (Ceres Santos, entrevista concedida em 2015).

Ainda conforme analisa Ceres as pessoas tem uma ideia errônea que o candomblé é religião de negros e de pessoas de baixa renda, porém os dados do IBGE de 2010 informam que o Rio Grande do Sul é o estado majoritariamente formado por brancos descendentes dos imigrantes e é o estado que mais tem pessoas seguidoras de religião de matrizes africanas. O candomblé e umbanda não devem ser pensados a partir da condição social de seus participantes, mas esses dados desmentem o sentido hegemônico enraizado na estrutura do nosso pensamento sobre as religiões.

Essas afirmações são de tal importância para que o poder público e toda a sociedade civil possam contribuir para o combate à discriminação e ao racismo, ainda presentes no cenário brasileiro. Além de colaborar para o fortalecimento de mecanismos já existentes para a punição dos casos de intolerância religiosa, a exemplo da Lei 10.639/03 que institui no currículo da rede de ensino pública e privada o ensino da História e Cultura Afrobrasileira.

Para que as pessoas tenham menos preconceito sobre a religião do candomblé e da umbanda, Jenifer aponta em uma simples frase: *É preciso ter compreensão, se as pessoas fossem mais compreensivas a vida seria mais fácil* (Entrevista concedida a TV Caatinga em 2015).

Já para Adriano Alves, é necessário ter respeito: *O respeito é um fundamento muito presente em todos que pertencem ao Candomblé e acho que todos devem ter respeito. O respeito à vida, às forças da natureza, as oferendas, ao próximo. Não devemos ser vítima do preconceito e nem reproduzi-lo, pois fere nossa dignidade* (Entrevista concedida em 2015).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a história da religião do candomblé e da umbanda ainda é forte o preconceito relacionado aos seus cultos e a seu povo. Percebe-se neste campo, os muitos desafios que seus praticantes têm que percorrer para poder celebrar seus orixás, seus ancestrais e demais forças sagradas cultuadas. Porém também se percebe a resistência em suas falas, como a confiança em seus guias e, mesmo que ainda em fase de organização, a percepção da urgente necessidade de organização dos terreiros em espaços político-organizativos.

Como relata Marques (2015) não é admissível que alguém se dirija a outro ser humano com a interpretação de que é bom ou ruim a sua religião, pois a experiência é vivida pelo praticante e pertence somente a ele. Ratifica que a religião é sempre um verdade que exclui outra verdade.

No Vale do São Francisco, onde se firma essa análise, um recorte do universo das questões da existência dos terreiros de candomblé e umbanda no Brasil, quiçá do mundo, ainda é forte o preconceito, a discriminação, a intolerância e os constantes ataques que objetivam suas extinções. Assim, torna-se urgente que os mecanismos jurídicos, sociais, educacionais, religiosos, entre outros, atuem para que, de fato, seja efetivada o respeito à diferença que objetiva a convivência pacífica entre as diversas manifestações culturais das pessoas.

Dessa maneira é mister que os religiosos do candomblé e da umbanda, continuam mantendo firme a sua resistência no médio São Francisco e a celebrar a sua própria história e sua própria identidade.



◆ REFERÊNCIAS ◆

AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTE AQUAVIÁRIOS. **Relatório Técnico**. Bacia do São Francisco. Plano Nacional de Integração Hidroviária Desenvolvimento de Estudos e Análises das Hidrovias Brasileiras e suas Instalações Portuárias com Implantação de Base de Dados Georreferenciada e Sistema de Informações Geográficas. Disponível em: <http://www.antaq.gov.br/porta/PNIH/RT_BaciaSao_Francisco.pdf> Acesso 14 dez. 2015.

G1 BA - Líder religiosa denuncia vandalismo contra terreiro na região norte da BA. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/07/lider-religiosa-denuncia-vandalismo-contra-terreiro-na-regiao-norte-da-ba.html>>. Acesso 24 jan. 2016

MARQUES, J.; NOVAES J. **Candomblé e Umbanda no Sertão: Cartografia Social dos Terreiros de Petrolina/PE e Juazeiro/BA**, 1ª edição, 2015.

MARQUES, J. **Ecologia da Alma**. Petrolina: Sanfranciscana, 2011. 64p.

YOUTUBE. Participação de crianças em terreiro de candomblé. Vídeo (6min45s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eUv1o1uUKYE>>. Acesso 10 jan. 2016.

REIS, J. J. e GOMES, F. dos S. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 512p.

SANT'ANNA, M. **Escravidão no Brasil: os terreiros de candomblé e a resistência cultural dos povos negros**, IPHAN – 2001 a 2003. Disponível em: <<http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/>

upload/escravidao_no_brasil_os_terreiros_de_candomble_e_a_resistencia_cultural_dos_povos_negros.pdf> Acesso 15 fev.2016.

SILVA, E. **Religião, Diversidade e Valores Culturais**: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. Revista de Estudos da Religião.Nº 2 / 2004 / pp. 1-14. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf> Acesso 14 nov. 2015.



Capítulo 4



AS RELAÇÕES HOMEM-ANIMAIS NAS CANÇÕES DE LUIZ GONZAGA

Adriana Anadir dos Santos^{1,3*}

Carlos Alberto Batista Santos²

Eliane Maria de Souza Nogueira³

Ednilza Maranhão dos Santos^{3,4}

1. Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Colégio Estadual Josefa Soares de Oliveira, Rua Ovídio Rodrigues de Matos, 100, Centro, 48440-000, Ribeira do Amparo, Bahia, Brasil.
*Email: ant_dir@hotmail.com

2. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, *Campus* III, Avenida Edgard Chastiner, s/n, São Geraldo, 48902-400, Juazeiro, BA, Brasil.

3. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, *Campus* VIII, Rua do Gangorra, 503, CHESF, 48608-240, Paulo Afonso, BA, Brasil.

4. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Laboratório Interdisciplinar de Anfíbios e Répteis da UFRPE e do Laboratório de Ecofisiologia e Comportamento Animal. Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação da UFRPE.

◆ APRESENTAÇÃO ◆

Os animais, suas lendas e mitos são temas fortes na cultura nordestina, principalmente do sertanejo, representado também através dos poemas e da música. Um dos personagens que mais retratou e difundiu a música do povo do nordeste no Brasil e no mundo foi o “Rei do Baião” Luiz Gonzaga, sua obra é uma fonte inesgotável de informação sobre os costumes e a relação entre o homem e a natureza. Este estudo teve como objetivo analisar a presença dos animais do semiárido e sua relação com o homem sertanejo, com base na obra discográfica de Luiz Gonzaga, evidenciando sua relação com os mitos e crenças. A pesquisa foi realizada entre outubro a dezembro/2015 para leitura da obra e análise das letras, listando os animais e os indícios de crenças e mitos citados na obra desse cantor.

A obra de Luiz Gonzaga é composta por um total de 604 músicas, dessas 105 possuem citações de animais e 19 citam as relações de mitos e crenças de elementos da fauna presente no mundo do sertanejo. Foram citados nove táxons da fauna sertaneja. Sendo quatro grupos de invertebrados (Insetos (n=10), Crustáceos (n=02), Miriápode (n=1) e Molusco (n=1)). E em relação aos vertebrados, destacamos os Peixes (n=08), Anfíbios (n=03), Répteis (n=08), Aves (n=34) e Mamíferos (n=21). Os resultados demonstram uma diversidade faunística do sertão, bem como as interações existentes entre os animais e o homem do sertão nordestino, revelando aspectos da cultura popular e do imaginário nas suas relações com os animais.



INTRODUÇÃO

Os animais são elementos naturais presentes na vida do homem sertanejo, aos quais estes dão nomes, sobrenomes e, muitas vezes, passam a habitar as casas estabelecendo relações de parentesco. Para o sertanejo, os animais auxiliam nos trabalhos da roça servindo de apoio e guia pelos caminhos pelo sertão (SILVA, 2013).

Os animais são percebidos de diversas formas pelos seres humanos. Muitas crenças estão relacionadas as características e comportamentos que os animais evidenciam nos seus habitats. O conceito de sorte e azar / bem ou mal / seca e chuva identificados pelos humanos durante os comportamentos dos animais, evidenciados pelo canto, cor, reprodução, migração, podem influenciar a sobrevivência de várias espécies (RAMOS, 2002; SILVA, 2014).

Entretanto, as relações estabelecidas entre os homens e os animais podem ou não ser harmônicas. Estudos de Mendonça e colaboradores (2013) evidenciaram os conflitos existentes entre pessoas e animais silvestres no semiárido Paraibano. Os autores registraram que entre os motivos mais comuns geradores de conflitos entre homem e animais são os ataques às criações domésticas, o risco de morte às pessoas, o risco de transmissão de doenças e a destruição das lavouras. O que pode contribuir para a depleção nas populações das espécies locais.

Observando o comportamento dos animais, o homem sertanejo identifica alterações no tempo, como chuva ou seca / tempo bom, tempo ruim, ou sinais de perda de um ente querido ou vizinhos

próximos (SILVA et al., 2013). As simbologias que o homem do sertão atribui aos animais vivem no imaginário de todos que fazem parte dessa região e ao longo das gerações são transmitidas através da poesia, contos, causos, cordéis e cantos (CALLADO, 2013).

As relações do homem do sertão e a natureza foram descritas por grandes nomes da literatura brasileira como Graciliano Ramos (1938), que retratou na sua obra *Vidas Secas*, o sofrimento do sertanejo diante da seca, que guerra a sede, fome, morte da criação animal, promovendo o êxodo de suas terras. Na obra de Graciliano Ramos, o ser humano foi zoomorfizado e o animal em questão, a cachorra baleia, foi antropomorfizado, ou seja, ocorreu a animalização do ser humano e a humanização do animal, além de evidenciar as relações existentes entre os animais e o povo sertanejo (RAMOS, 2002).

Entre os grandes nomes da cultura popular do Nordeste brasileiro que descreveram as relações entre o homem e fauna, do sertão, divulgando a cultura do nordeste para todo o mundo através da música temos o notório Luiz Gonzaga.

“Cantei todas as aves do nordeste, os animais, os padres, os feiticeiros, os vaqueiros, os fazendeiros, essas histórias... Vai boiadeiro que a noite já vem! Ah, meu filho, um grito desses, não pode ser esquecido não”. Luiz Gonzaga

O “rei do Baião” (representado na Figura 1) como era chamado Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989) nasceu na cidade de Exu, estado de Pernambuco, onde vivenciou os costumes do sertanejo. Na sua obra cantou a vida do seu povo, sua história, sua cultura, seus costumes e suas relações com a natureza pautada na identidade nordestina, destacamos aqui que as letras das músicas cantadas por Luís Gonzaga, são da autoria de vários nordestinos como José



Figura 1: Luis Gonzaga, sanfoneiro.

Fonte: Victor Gleycio, 2016.

Através da linguagem universal da música, Luiz Gonzaga se tornou um dos maiores ícones da cultura popular do Brasil, sendo sua obra reportada em diferentes linhas de estudos, podendo expressar os sentimentos, revelar a memória, identificar as representações sociais, o contexto político e o imaginário popular, além da capacidade de dialogar com o conhecimento histórico (ROCHA, 2013). Barros (1973, p.01), afirma que:

“A música é de todas as artes, a mais dinâmica e comunicativa. É uma arte sublime, bela, expressiva, seja nas suas manifestações populares, seja nas suas formas folclóricas, líricas ou clássicas. É a única linguagem universal que os homens possuem e entendem e ela melhora e consagra em intercâmbios artísticos, individuais ou coletivos, cada vez mais íntimos e frequentes”.

Estudos sobre a obra de Luiz Gonzaga destacam as práticas culturais, alimentícias, as relações homem e animal, práticas corporais, agrícolas, políticas e questões sociais do Brasil (ROCHA, 2013; SOBRAL, 2014). Além desses estudos, a obra do “rei do baião” também foi sugerida como uma ferramenta didática na prática escolar da alfabetização ao ensino médio buscando propiciar uma educação contextualizada (ALMEIDA; PINHEIRO et al., 2014).

1. UNIVERSO DO SERTÃO E SUA FAUNA

De acordo com a Embrapa (2007), encontram-se no semiárido diferentes paisagens ou “as Caatingas”, que apresentam uma menor biodiversidade quando comparada com as florestas tropicais, no entanto, as fitofisionomias da caatinga se destacam pela diversidade faunística adaptada ao ambiente árido, contribuindo desta maneira para uma alta taxa de endemismo da fauna. Já foram descritas 47 espécies de sapos, 47 espécies de serpentes, 44 espécies de lagartos, 380 espécies de aves, sendo 20 ameaçadas de extinção e 148 espécies de mamíferos (LEAL et al., 2003).

Sobre as características adversas do sertão, Pereira (2005, pg 1), relata:

“Solo de mitos e cactos, de jagunços e santos, de roceiros e cantadores, vaqueiros e outros tantos tipos e tratos humanos, não raro o Sertão tem sido fonte de inspiração para narrativas as mais diversas, trágicas ou divertidas, dramáticas ou irônicas. O sertão tem sido com força de exemplaridade, matriz de imagens – conceituais sobre as cores – Brasil e os limites do homem”.

Estudos realizados por Barbosa e colaboradores (2011) no semiárido paraibano, registraram informações sobre a percepção dos moradores a respeito da diversidade e relevância da fauna em duas comunidades rurais, evidenciando as relações de afetividade,

uso e conhecimento. Destacamos também os trabalhos de Alves e colaboradores (2012) e Costa-Neto (2006), que descrevem as interações da fauna com o homem sertanejo, registrando a caça, destacando o uso e o etnoconhecimento dos moradores a respeito da fauna silvestre, e as implicações desses usos na conservação das espécies animais.

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivos registrar os animais e sua relação com o homem sertanejo, presentes na obra de Luiz Gonzaga evidenciando suas crenças e mitos, espera-se também que este estudo possa subsidiar como suplemento didático, o ensino de Ciências naturais no ensino básico, de maneira interdisciplinar favorecendo uma educação contextualizada.

2. O SERTÃO

A região semiárida do nordeste é caracterizada pela ocorrência de uma vegetação do tipo xerófila, adaptada as condições do clima semiárido que favorece a baixa umidade, por ser seco e quente e solos rasos, além disso apresenta o menor índice pluviométrico de todo o país, influenciado pelas dinâmicas das massas de ar e do relevo (GARIGLIO et al., 2010),

A baixa pluviosidade interfere diretamente nas práticas agrícolas da região, dificultando a produção e conseqüentemente o desenvolvimento da região sertaneja. Devido às intervenções antrópica no bioma caatinga, agravadas pelo fenômeno da seca, a disponibilidade de recursos vem se tornado escasso, contribuindo drasticamente para a redução de emprego e renda no sertão nordestino (EMBRAPA, 2007).

Este é um trabalho de revisão literária, que foi desenvolvido entre os meses de outubro a dezembro de 2015, através discografia de Luiz Gonzaga (GONZAGA; In: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php>, 2015).

Após listar todas as músicas da obra de Luiz Gonzaga, iniciou-se o processo de audição e leitura, para posterior seleção das músicas que faziam referências aos animais e/ou crenças.

3. A PESQUISA

Foram analisadas 604 músicas da obra de Luiz Gonzaga, sendo 91 instrumentais. Das 513 músicas que apresentam letras, 105 fazem citações de animais em alguma estrofe, correspondendo a 20.5%. Um total de nove táxons foi representado na obra do cantor (Figura 2; Tabela 1), entre esses, quatro grupos de invertebrados (Insetos (n=10), Crustáceos (n=02), Miriápode (n=1) Molusco (n=1)) e cinco de vertebrados (Peixes (n=09), Anfíbios (n=03), Répteis (n=08), Aves (n=34) e Mamíferos (n=21)).

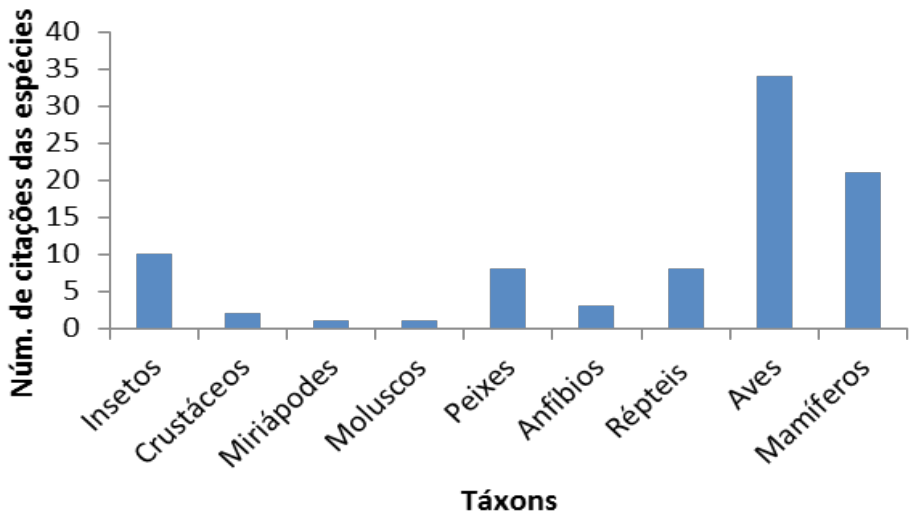


Figura 2: Distribuição das citações referentes aos táxons de animais presentes na obra de Luiz Gonzaga.

Entre os invertebrados, foram citadas 10 espécies de insetos, dois crustáceos (camarão e siri), um miriápode, a lacraia e um molusco, a ostra. Entre os vertebrados, registramos nove espécies de peixes, três espécies de anfíbios, nove espécies de répteis, com

destaque para as serpentes. As aves (n=38) e os mamíferos (n=27) foram os grupos mais expressivos citados nas letras cantadas por Luiz Gonzaga (Figura 1, Tabela 1).

Tabela 1: Animais citados na obra de Luiz Gonzaga

| Grupo Taxonômico | Nome vernáculo – Pista taxonômica |
|-----------------------------|--|
| Invertebrados (n=11) | |
| Insetos (n=10) | Abelha (<i>Apis</i> sp.) Barata (<i>Blattaria</i>) Besouro (<i>Coleoptera</i>) Cigarra (<i>Hemiptera</i>) Jandaíra (<i>Melipona</i> sp.) Mandaçaia (<i>Melipona</i> sp.) Mangangá (Apidae) Marimbondo (Hymenoptera) Mosquito (Diptera) Tanajura (<i>Atta</i> sp.) |
| Crustáceos (n=02) | Camarão (Decapoda) Siri (<i>Callinectes</i> sp.) |
| Miriápode (n=1) | Lacraia (Scolopendromorpha) |
| Molusco (n=1) | Ostra (Molusco, Bivalvia) |
| Vertebrados (n=85) | |
| Peixes (n= 09) | Acari (Siluriformes) Cruvina (Perciformes) Matrinchã (<i>Brycon</i> sp.) Piaba (<i>Leporinus obtusidens</i> , Valenciennes, 1837) Piranha (<i>Pygocentrus nattereri</i> , Kner, 1858) Surubim (<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i> , Linnaeus, 1766) Traíra (<i>Hoplias malabaricus</i> , Block 1794) |
| Anfíbios (n=3) | Sapo cururu (<i>Rhinella jimi</i> , Stevaux, 2002) Jia (<i>Leptodactylus pentadactylus</i> , Laurenti, 1768) Rã (<i>Ololygon rubra</i> Laurenti, 1768) |

| | |
|---------------|--|
| Répteis (n=8) | <p>Calango (<i>Lagarto</i>) Cascavel (<i>Crotalus durissus</i> Linnaeus, 1758) Surucucu (<i>Lachesis muta</i>, Linnaeus, 1766) Cobra coral (<i>Micrurus</i> spp.) Cobra verde (<i>Philodryas olfersii</i>, Lichtenstein, 1823) Jararaca (<i>Bothrops</i> sp.) Jacaré (Alligatoridae) Cobra (Squamata)</p> |
| Aves (n=38) | <p>Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>, Linnaeus, 1758) Andorinha (<i>Hirundinidae</i> sp.) Arara-canindé (<i>Ara ararauna</i>, Linnaeus, 1758) Araponga (<i>Procnias</i> sp.) Asa Branca (<i>Patagioenas picazuro</i>, Temminck, 1813) Assum Preto (<i>Gnorimopsar chopi</i>, Vieillot, 1819) Azulão (<i>Cyanocompsa brissonii</i>, Lichtenstein, 1823) Bacurau (<i>Eleothreptus candicans</i>, Pelzeln, 1867) Beija-flor (Trochilidae) Canário (<i>Sicalis flaveola</i>, Linnaeus, 1766) Cantarino (não identificada) Coruja (<i>Strigiformes</i>) Galo (<i>Gallus gallus domesticus</i>, (Linnaeus, 1758) Galo de campina (<i>Paroaria dominicana</i>, Linnaeus, 1758) Gavião (<i>Falconidae</i>) Guiné (<i>Numida meleagris</i>, Linnaeus, 1758) Inhambu (<i>Crypturellus parvirostris</i>, Wagler, 1827) Jacanã (<i>Jacana jacana</i>, Linnaeus, 1766) João corta pau (<i>Antrostomus rufus</i>, Boddaert, 1783) Juriti (<i>Leptotila verreauxi approximans</i>, Bonaparte, 1855) Mãe da Lua (<i>Nyctibius aethereus</i>, Wied, 1820) Pato (Anatidae) Pavão (Phasianidae) Papagaio (Psittacidae) Peitica (<i>Empidonomus varius</i>, Vieillot, 1818) Passarinho (Passeriformes) Peru (<i>Meleagris</i>) Pombo (<i>Columbiformes</i>) Rola / Rolinha (<i>Colombina talpacoti</i>, Temminck, 1811) Rola branca (<i>Colombina picui</i>, Temminck, 1813) Ribaçã (<i>Zenaida auriculata</i>, Des Murs, 1847) Roxinol (<i>Luscinia megarhynchos</i>, Brehm, 1831) Sabiá (Turdidae) Siriema (Cariamidae) Urubu (<i>Cathartes burrovianus</i>, Cassin, 1845)</p> |

| | |
|------------------|--|
| Mamíferos (n=27) | Baleia (Cetacea) Boi/Vaca/Touro (<i>Bos taurus</i> , Linnaeus, 1758) Bode/Cabra/Carneiro (<i>Capra aegagrus hircus</i> , Linnaeus, 1758) Borrego (<i>Ovis aries</i> , Linnaeus, 1758) Burro/Jumento/Jegue (<i>Equus africanus asinus</i> , Linnaeus, 1758) Cachorro (<i>Canis lupus familiaris</i> , Linnaeus, 1758) Cavalo (<i>Equus caballus</i> , Linnaeus, 1758) Égua (<i>Equus caballus</i> , Linnaeus, 1758) Elefante (Elephantidae) Gambá (<i>Didelphis</i> sp) Gato (<i>Felis catus</i>) Macaco (Primata) Onça (<i>Panthera onca</i> , Linnaeus, 1758) Paca (<i>Cuniculus paca</i> , Linnaeus, 1766) Peba (<i>Euphractus sexcinctus</i> , Linnaeus, 1758) Porco (<i>Sus scrofa domesticus</i> , Linnaeus, 1758) Tatu (Dasypodidae) Tatu bola (<i>Tolypeutes tricinctus</i> , Linnaeus, 1758) Tamanduá (Myrmecophagidae) Veado (<i>Cervus</i> sp) Zebra (<i>Equus quagga</i> , Boddaert, 1785) |
|------------------|--|

Fonte: Modificado do site GONZAGÃO, 2015. <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php>

3.1. OS ANIMAIS E A CULTURA NORDESTINA

Dos invertebrados citados, o grupo com maior número de citações foi o dos insetos. O único molusco citado, a ostra é referenciada na música ‘Maceió’, como uma das iguarias da capital alagoana (PASSOS, 1962).

Entre os animais vertebrados, foram citadas todos os grupos, destacamos entre os peixes a espécie surubim, espécie nativa do rio São Francisco cuja pesca ilegal ao longo dos anos, aliado a problemas ambientais vem reduzindo os estoques naturais e correndo sérias ameaça de extinção (SANTOS e ALVES, 2016).

Dos anfíbios o sapo e a rã são destacados nas letras das músicas como animais que estão relacionados ao imaginário popular (Tabela 2).

As serpentes, são citadas como animais venenosos e responsáveis por causar acidentes ao homem, como podemos observar na música Buraco de tatu (SILVA e AMBRÓSIO, 1956).

“Não boto a mão no buraco do tatu / Que é muito perigoso, é preciso ter cuidado / Lá dentro pode ter uma cascavel, ou um urutu / Esperando com o bote armado / Não bote a mão em buraco de tatu / Que é muito perigoso, é preciso ter cuidado”.

Vários estudos registram as relações conflituosas entre homens e serpentes, sendo reportada, na maioria das vezes, como animal perigoso que causa acidentes. (ALVES et al., 2012; FOERSTER et al., 2013; SILVA, 2013).

Nas letras das músicas cantadas pelo rei do Baião, ou durante as entrevistas concedidas, Luiz Gonzaga deixava claro que o seu canto fazia referência aos animais, às pessoas e ao lugar em que o mesmo estava inserido e, muitas vezes esse canto simbolizava o apreço que tinha pelos animais e/ou a forma que os mesmos eram utilizados pela população local (GONZAGA; In: http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php, 2015).

A partir daqui, destacamos algumas estrofes, citações a respeito da biologia ou comportamento dos animais, bem como o uso dos mesmos para diversas finalidades, conforme descritos a seguir:

“No meu sertão / Não tem choro, não tem fome / Não tem bicho lobisome / Não existe assombração / De manhazinha / Quando o dia se sacode / Tem onça que pega bode / Valente que só o cão / Tem um cachorro / Lanzudo, preto retinto / Pra tomar conta dos pinto / E espantá gavião” (SILVEIRA e VOGELER, 1979).

“Teve pena da rolinha que o menino matou / Teve pena da rolinha que o menino matou / Mais depois que torrou a bichinha, comeu com farinha...gostou / Mais depois que torrou a bichinha, comeu com farinha...gostou / Fogo pagou / Fogo Pagou/ Fogo Pagou...é sempre assim” (ANDRADE, 1973).

A respeito das aves, as letras evidenciam a relação entre os animais e o homem, destacando a presença das aves no seu dia a dia, desde o alvorecer, com o canto dos pássaros até o entardecer quando as aves procuram as árvores ou frestas das casas para buscar abrigos para poder dormir, os habitats de determinadas espécies do semiárido nordestino, bem como a utilização das aves em atividades cinegéticas além dos sentimentos das pessoas em relação às mesmas, também são temas das canções.

“Asa Branca, Assum Preto, Acauã / Me ajudem de novo a cantar / E dizer que não é só tristeza / O que tem o sertão a mostrar” (VENÂNCIO e NASCIMENTO, 1980).

*“Pra ver o meu brejinho/ **Fazer umas caçadas** / Ver “as pegas de boi” / Andar nas vaquejadas / Dormir ao som do chocalho/ E acordar com a **passarada**”* (DANTAS e GONZAGA, 1954).

*“Quando a lama virou pedra / E **Mandacaru** secou / Quando a **ribaçã** de sede / Bateu asa e voou...”* (TEIXEIRA e GONZAGA, 1950).

*“E por certo **um caçador** / O das Aves, matador / Que dormiu numa tocaia / A esperar que caia / A inocente **juriti**”* (FINIZOLA, 1979).

*“Vem gente até de Recife / Prás novena de Vitória / Prá **comer rolinha** assada / **Ribaçã frita na hora**”* (SOARES e PILOMBETA, 1968).

Alves e colaboradores (2010), apontam a caça e comércio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais, e demonstraram que existe uma facilidade na retirada dos animais da natureza para comercialização ou consumo, bem como a necessidade de incrementar a alimentação e renda para suprir as necessidades básicas da família.

Vale ressaltar que embora as atividades cinegéticas relacionadas às aves tenham destaque nas canções

interpretadas por Luiz Gonzaga, registramos a descrição de relações biofílicas entre aves e homens, quando os mesmos apreciam a sua beleza e o seu canto.

Em relação aos mamíferos, as letras evidenciam a percepção do homem da zona rural em relação à biologia e comportamento dos mamíferos e as relações de biofilia existentes entre algumas espécies e o homem, principalmente em relação ao cachorro, ao cavalo, ao boi e ao jumento. Conforme citados na música “A morte do vaqueiro” (GONZAGA e BRANDÃO, 1963), descrita a seguir:

*“Numa tarde bem tristonha / Gado muge sem parar /
Lamentando seu vaqueiro / Que não vem mais aboiar[...]
“Ei, gado oi / Sacudido numa cova / Desprezado do Senhor
/ Só lembrando do cachorro / Que ainda chora / Sua dor / É
demais tanta dor / A chorar com amor”*

Os resultados evidenciam a diversidade faunística do semiárido nordestino presente nas canções de Luiz Gonzaga, destacando o número significativo de mamíferos e aves e a estreita relação com os animais domésticos no semiárido, que corrobora aos estudos de Ross e colaboradores (2006), Alves e colaboradores (2010) e Costa-Neto e colaboradores (2014), que também destacam esses dois grupos animais como os mais citados pelo homem nordestino. De uma maneira geral, esses dois grupos são citados numa relação estreita de uso alimentar, animais de criação, medicinal e religioso, além das crenças e mitos. Atualmente ocorre no semiárido nas paisagens de caatinga 380 espécies de aves e 148 de mamíferos, sendo considerados os grupos mais diversos quanto ao uso (EMBRAPA, 2007).

3.2. AS CRENÇAS

Registramos 19 músicas que retratam as relações existentes entre os animais e as crenças do povo sertanejo. Foram citados nas 19 músicas 22 animais, sendo 02 insetos, 03 anfíbios, 03 répteis e 14 aves (Tabela 2).

Tabela 2: Relação das músicas com citações relativas às crenças e mitos sobre animais presentes na obra de Luiz Gonzaga.

| TÍTULO DA MÚSICA | AUTOR (ES) | CITAÇÕES | CRENÇA/MITOS |
|-----------------------|-----------------------------|---|--|
| Asa branca | GONZAGA; TEIXEIRA, 1947 | <i>“Inté mesmo a asa branca / Bateu asas do sertão”.</i> | A saída da ave da região indica que terão um período de seca. |
| Assum preto | GONZAGA; TEIXEIRA, 1950 | <i>Mas Assum Preto, cego dos óio / Num vendo a luz, ai, canta de dor”. “Furaro os óio do Assum Preto/ Pra ele assim, aí, cantá mió”.</i> | Furando os olhos do pássaro ele cantaria melhor. |
| A volta da Asa branca | DANTAS; GONZAGA, 1950 | <i>A Asa Branca ouvindo o ronco do trovão / Já bateu asas e voltou pro meu sertão”. Terra moiada / mato verde, que riqueza / E a Asa Branca / Tarde canta, que beleza”.</i> | A presença e o canto da ave são prenuncio de chuva, tempo bom. |
| Paraíba | GONZAGA; TEIXEIRA, 1950 | <i>“Quando o ribeirão de sede / Bateu asa e voo”.</i> | A saída da ave da região indica período de seca. |

| | | | |
|-------------------|--------------------------------|--|---|
| Amanhã eu vou | GONZAGA; BEDUÍNO, 1951 | “A noite sempre se ouvia a carimbamba / Cantando assim: <i>amanhã eu vou, amanhã eu vou</i> / A carimbamba , ave da noite / Cantava triste lá na taboa. Amanhã eu vou, amanhã eu vou.” | Quando a ave canta representa é a voz da menina que diz “amanhã eu vou, amanhã eu vou”. |
| Acauã | DANTAS, 1952 | “ Acauã, acauã vive cantando / Durante o tempo do verão / No silêncio das tardes agourando / Chamando a seca pro sertão”. Acauã , teu canto é penoso e faz medo / Te cala acauã / Que é pra chuva voltar cedo”. | O canto da acauã é tido como prenúncio de seca e também prenúncio de morte. |
| | | “Canta o João-corta-pau / A coruja , mãe da lua / A peítica e o bacurau / Na alegria do inverno / Canta sapo, jia e rã ”. | Prenúncio de Chuva |
| Treze de dezembro | DANTAS; GONZAGA, 1953 | “Eu vi sapo saltitando / E ao longe ouvi o ronco alegre do trovão”. | Prenúncio de chuva. |
| | | “Quando o galo cantou”. | Prenúncio de morte. |
| Malhada dos Bois | CARDOSO; GONZAGA, 1957 | “De madrugada quando o galo cantar”. | Prenúncio de morte. |
| Pássaro Carão | MARCOLINO; GONZAGA, 1962 | “ Pássaro carão cantou / Anum chorou também / A chuva vem cair / No meu sertão”. | Prenúncio de chuva. |

| | | | |
|---------------------|----------------------------|--|--|
| Não foi Surpresa | VALE; SILVA, 1964 | <i>“Meu amor não foi surpresa quando você foi embora / Já se esperava, pois meu galo / Cantou fora de hora”.</i> | Prenúncio de que algo ruim irá acontecer. |
| A Triste Partida | ASSARÉ, 1964 | <i>“Na copa da mata / Buzina a cigarra”.</i> | Prenúncio de chuva |
| Marimbondo | GONZAGA; MARCOLINO, 1964 | <i>“Um marimbondo vindo peneirando a asa pra entrá em nossa casa, chega, chuva no sertão”.</i> | Prenúncio de Chuva. |
| Matuto de Opinião | GONZAGA; GONZAGUINHA, 1964 | <i>“Já me fez uma, já me fez duas / Mas a terceira, ela não faz / Cobra corá tem três venenos / Mas o cheiro dela, tem muito mais”.</i> | Animal venenoso até no cheiro. |
| Cantarino | GONZAGA; VALENÇA, 1973 | <i>“Canta, canta, Catarino / Canta para me ajudar / teu canto é a promessa / de um ano chovedor / teu canto é a esperança / de um povo sofredor”.</i> | Prenúncio de chuva. |
| Juvina | GONZAGA; VALENÇA, 1973 | <i>“A reza que vence o veneno cruel / Salvando o vivente da cascavel”.</i> | Acreditam que a reza de benzedoras e benzedores pode neutralizar o veneno da serpente e curar a pessoa que foi picada. |
| Alvorada Nordestina | SILVEIRA; VOGELE, 1979 | <i>“Tem a cigarra / Que trouxe a filosofia / De morrer de cantoria / É a nossa cantadeira”.</i> | Acreditam que a cigarra estoura de tanto cantar. |
| Não vendo nem troco | GONZAGA; GONZAGUINHA, 1981 | <i>“Nas terras do teu pé de serra / Acauã só agorou”.</i> | Ornitoáugure meteórico e funéreo. |

| | | | |
|---------------------|------------------|--|-----------------------------|
| Tristeza do Jeca | OLIVEIRA, 1982 | <i>“Eu sou como o sabiá / Que quando canta é só tristeza / Desde o galho que ele está”.</i> | Prenúncio de chuva ou seca. |
| Aquarela Nordestina | CAVALCANTE, 1989 | <i>“Acauã bem no alto do pau-ferro, canta forte / Como quem reclamando sua falta de sorte”.</i> | Ornitoáugure funéreo. |

Fonte: Modificado do site GONZAGÃO (2015)

Segundo Lévi-Strauss (1963), os mitos representam uma organização da realidade que surgiu a partir de experiências que geraram grande sensibilidade. Para que o mito seja composto é fundamental que compreendamos três características: a função explicativa do mito, a função organizativa do mito e a função compensatória do mito. Nesse sentido, a função explicativa do mito corrobora com os resultados, pois o presente é explicado por alguma ação passada, cujos efeitos permaneceram no tempo.

Os insetos, marimbondo e cigarra (Tabela 2), de acordo com as crenças evidenciadas, simbolizam prenúncio de chuva. O mesmo foi registrado no estado do Ceará por Folhes; Donald (2007), de acordo com os autores, a entrada dos insetos no interior das casas é sinal da chegada de tempo chuvoso. Outra crença importante citada na música Alvorada Nordestina (SILVEIRA e VOGELER, 1979), afirma que a cigarra de tanto cantar acaba explodindo. Do ponto de vista biológico, o que ocorre é a troca de muda ou ecdise, processo pelo qual o animal precisa trocar a sua cutícula externa para permitir o seu crescimento. Durante essa troca, a epiderme se desprende do exoesqueleto enquanto um novo exoesqueleto é formando sob o antigo. Quando ocorre a total formação dessa nova cutícula, o velho

exoesqueleto se rompe ao longo do dorso do animal e a cigarra consegue sair de dentro dele (RUPPERT et al., 2005). Como esse processo ocorre no período chuvoso e a fase adulta é muito curta, então é comum ocorrer a presença das cigarras exatamente entre o período de transição de seca para a chuva, contribuindo para a manutenção da crença ao longo das gerações, uma vez que o encontro com as mudas acaba ocorrendo.

O sapo, a rã e a jia (Tabela 2) também estão presentes nas crenças do povo nordestino sendo relacionadas ao prenúncio de chuva que ocorrerá na região onde eles coaxam. Silva e colaboradores (2013), realizaram um estudo na região do Seridó Potiguar e evidenciaram as experiências de inverno dos sertanejos e a suas relações com o semiárido e a seca, destacando que a presença de alguns animais indicam período de bom inverno, seja através da vocalização, comportamento e/ou hábitos reprodutivos.

Outro estudos de Silva e colaboradores (2014), no sertão do Seridó no Rio Grande do Norte, descreve os “profetas das chuvas” e as suas sabedorias a respeito da observação dos sinais da natureza para a previsão do tempo. Nesse estudo, destacam os sinais comportamentais dos sapos que estiveram na seca e quando está para chover eles saem da toca, como um prenúncio de chuva.

Entre os répteis, destacamos a serpente cascavel citada na obra como uma serpente que possui um veneno mortal, entretanto quando uma pessoa é picada recorre a um benzedor para rezar e neutralizar o efeito do veneno (Tabela 2).

Anjos (2013), através de estudo etnográfico fez uma análise da benzeção como prática terapêutica, buscando a compreensão a respeito dos saberes das benzedoras e benzedores no município de Unaí no estado de Minas Gerais, e destacou a utilização da prática para curar pessoas que foram picadas por cobra, o que seria uma prática comum na região do semiárido, principalmente

na zona rural das cidades nordestinas.

De acordo com nossos resultados, as aves asa branca, ribaçã, acauã, João corta pau, coruja mãe da lua, peitica, bacurau, pássaro carão, anum, cantarino e o sabiá (Tabela 2) são aves cujas vocalizações, indicam períodos de seca ou de chuva na região do semiárido. A acauã é uma ave que além de estar relacionada ao ornitoáugure meteórico também tem a vocalização ligada ao prenúncio de mau agouro, sendo classificado como ornitoáugure funéreo (MARQUES, 1998).

Segundo Sick (1997), os fatores climáticos influenciam nas atividades biológicas e comportamentais das aves, corroborando com o conhecimento local descrito na obra de Luiz Gonzaga.

O galo, não sendo uma espécie nativa da região, é bem presente na vida do nordestino, sendo citado nas músicas analisadas, com foco em ornitoáugure funéreo, quando faz referência a acontecimentos negativos, previsto no cantar do galo fora de hora, ou ornitoarauto social, quando indica a fuga de uma noiva para não casar.

Marques (1998), em estudo realizado na Várzea da Marituba no baixo São Francisco alagoano, descreve as aves que estão relacionadas aos mais variados tipos de vocalização, que são percebidas e classificadas pela população local.

A respeito da ave carimbamba a música “Amanhã eu vou” (Tabela 2) faz referência a uma crença do povo da lagoa de Opaia, localizada no bairro Aeroporto na cidade de Fortaleza em que uma menina chamada Rosabela toda noite ouvia o canto da ave e, certo dia enquanto estava sonambula foi em direção à lagoa onde a ave cantava, entrou e nunca mais voltou. E toda vez que a ave canta é a voz da menina que diz “amanhã eu vou, amanhã eu vou” (DRUMMOND, 2006).

É importante ressaltar a importância das memórias e da herança biocultural no processo de transmissão do conhecimento através da

oralidade, visto que todo conhecimento armazenado ao longo das gerações ainda permanece vivo nas culturas das comunidades rurais do povo nordestino, principalmente nas gerações mais velhas. Nesse sentido, Toledo e Barrera-Bassols (2009) afirmam que o recurso mais importante na vida do povo indígena e rural é a memória. E que a transmissão do conhecimento ocorre através da oralidade, podemos portanto, considerar a obra de Luiz Gonzaga como cultura imaterial do povo nordestino.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos resultados evidenciam a diversidade faunística do Sertão nordestino. Aspectos biológicos e comportamentais da fauna da caatinga e a relação do homem com os animais também são destacados ao longo da discografia de Luís Gonzaga, sendo possível registrar as representações sociais e culturais do sertanejo em relação aos bichos, destacando seus conhecimentos, usos e relações de aproximação (biofilia) e/ou afastamento e também o imaginário popular, rico em crenças, lendas e mitos.

Os nove táxons, registados neste trabalho, insetos, crustáceos, miriápodes, moluscos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos, representam os animais que se destacam na cultura popular nordestina, sendo personagens principais na vida do homem do sertão. As aves e os mamíferos foram os grupos com maior número de espécies citadas. Esse número elevado do táxon, corrobora com os dados relacionados a fauna da caatinga, onde as aves se destacam como o grupo com maior diversidade, seguida dos mamíferos. Além disso, as aves simbolizam a alegria, presságios e sobrevivência do sertanejo, o mesmo ocorre com os mamíferos, pois estes também estabelecem com o homem relações biofílicas. Em relação às crenças evidenciadas na discografia, as mesmas revelam aspectos do imaginário popular e a forma como o homem sertanejo ouve e observa o comportamento dos animais, seguindo o princípio da herança biocultural presentes na memória e transmitidas através de suas expressões culturais.



◆ REFERÊNCIAS ◆

ALMEIDA, J. A. L. Gonzaga para Alfabetização de Jovens e Adultos – **Curso de formação de Alfabetizadores**. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/LuizGonzaga_JoseAugustoAlmeida.pdf>. Acesso em 12/12/2015.

ALVES, R. R. N., NOGUEIRA, E. E. G., ARAUJO, H. F. P.; BROOKS, S. E. Bird-keeping in the Caatinga, NE Brasil. **Human Ecology**, [S.l.], v.38, p.147-156, 2010.

ALVES, R. R. N.; FILHO, G. A. P.; VIEIRA, K. S.; SOUTO, W. M. S.; MENDONÇA, L. E. T.; MONTENEGRO, P. F. G. P.; ALMEIDA, W. O.; VIEIRA, W. L. S. A zoological catalogue of hunted reptiles in the semiarid region of Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, [S.l.], v.8, n.27, p.1-29, 2012.

ANDRADE, R. S. **Fogo pago**, Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1973. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 de out. 2015.

ANJOS, T. G. **A benção terapêutica: vivência de um campo relacional**. 2013. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2013.

ASSARÉ, P. **A triste partida**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1964. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 de out. 2015.

BARBOSA, J. A. A.; Barbosa, R. K. V. C. Percepção de moradores do semiárido paraibano sobre a diversidade e relevância da fauna em duas comunidades rurais. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, [S.l.], v.11, p.123-133, 2011.

BARROS, A; de C. **A Música**. CEA – Cia. Editora Americana. 1973. 263p.

CALLADO, A. G. **O hino do sertão**: a identidade nordestina em “Asa Branca”. 2013. 18f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Comunicação social), Universidade Federal da Paraíba.

CAVALCANTE, R. **Aquarela Nordestina**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1989. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

CORDEIRO, B. S. **As canções de Luiz Gonzaga sob o olhar da análise crítica do discurso**. Recife: [S.n.], 2008.

COSTA NETO, E. M. A Etnozoologia do Semiárido da Bahia: Estudo de Casos. In: QUEIROZ, L. P.; RAPINI, A.; GIULIETTI, A. M. **Rumo ao Amplo Conhecimento da Biodiversidade do Semiárido Brasileiro**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, p. 111-114, 2006.

DANTAS, Z.; GONZAGA, L. **Riacho do Navio**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1954. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

DANTAS, Z; GONZAGA, L. **A volta da asa branca**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1950. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

DANTAS, Z. **Acauã**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1952. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

DANTAS, Z.; GONZAGA, L. **Treze de dezembro**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1953. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

DRUMMOND, E. **A lenda da Carimbamba**. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2006. 24p.

EMBRAPA - Preservação e uso da Caatinga / Embrapa Semiárido. –

Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica – (**ABC da Agricultura Familiar, 16**). 39 p.: il.2007.

FINIZOLA, J. **O caçador**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1979. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

FOERSTER, S. I. A. ; BEZERRA, P. E. S. ; ALMEIDA, C. G. . A cobra-preta na percepção dos moradores da Fazenda Saco, Pernambuco. **Anais** do I Congresso Internacional de Ciências Biológicas / II Congresso Nacional de Ciências Biológicas / VI Simpósio de Ciências Biológicas, v.1. p.39-49, 2013.

FOLHES, M. T., DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.19, n.2, p.19-31, dez. 2007.

GARIGILIO M. A., SAMPAIO, E. V. S. B., CESTARO L. A.; KAGEYAMA P. Y. (Eds.) **Uso Sustentável e Conservação dos Recursos Florestais da Caatinga**. 2ª ed. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro,. 2010. 369p.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989. 323p.

GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. **Asa Branca**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1947. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php > Acesso 16 out. 2015.

GONZAGA, L.; NASCIMENTO, B. **Amanhã eu vou**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1951. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php > Acesso 16 out. 2015.

GONZAGA, L.; CARDOSO, A. **Malhada dos bois**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1957. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php > Acesso 16 out. 2015.

GONZAGA, L.; MARCOLINO, J. **Marimbondo**. Luiz Gonzaga. A triste partida, 964. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_

de_luiz_gonzaga.php > Acesso 16 out. 2015.

GONZAGA, L.; GONZAGUINHA. **Matuto de opinião**. Luiz Gonzaga. Quadrilhas e Marchinhas Juninas, 1965. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 de out.2015.

GONZAGA, L.; GONZAGUINHA. **Não vendo, nem troco**. Luiz Gonzaga. A festa, 1981. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php>. Acesso em: 16 de outubro de 2015.

GONZAGA, L.; VALENÇA, N. **Cantarino**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1973. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

GONZAGA, L. **Juvina**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1973. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (Ed.) **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p.237-273, 2003.

LEVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1963. 96p.

MARQUES, J. G. W. “Do canto bonito ao berro do bode”: percepção do comportamento de vocalizações de aves entre camponeses alagoanos. **Revista de Etologia** (n especial) p. 71-85, 1998.

MARCOLINO, J. ; GONZAGA, L. **Pássaro carão**. Luiz Gonzaga. Ô véio macho, 1962. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

MOLION, L. C. B. Secas, o eterno retorno. **Revista Ciência Hoje**, v.3, n.18, p. 28-32, 1985.

OLIVEIRA, G. **Luiz Gonzaga: O matuto que conquistou o Mundo**. Recife: Comunicarte, 1991. 271p.

OLIVEIRA, A. **Tristeza do Jeca**, 1982. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

PEREIRA, R. E. A. O brusco sertão em branco e preto. **Revista outros sertões**. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Campus XXII, Salvador: UNEB. v.1, n.1., 2005.

PINHEIRO, E. A. et al. O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, [S.l], v.14, n.23, p.103-111.2014.

PORTAL GONZAGÃO ONLINE. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 87^a ed. Rio, São Paulo: Record, 2002. 176p.

ROCHA, A. M. Luiz Gonzaga canta as práticas alimentares do nordeste do Brasil. **Contextos da Alimentação**, [S.l], v.3, p.63-83, 2014.

ROOS, A. L. N.; NUNES, M. F. C. ; SOUSA, E. A.; SOUSA, A. E. B. A.; NASCIMENTO, J. L. X. e LACERDA, R. C. A. Avifauna da região do Lago de Sobradinho: composição, riqueza e biologia. **Ornithologia**, [S.l], v.1, n.2, p. 135-160, 2006.

RUPPERT, E.; FOX, R. S. e BARNES, R. D. **Zoologia dos Invertebrados – Uma abordagem funcional-evolutiva**. 7^a ed. São Paulo: Roca Ed., 2005. 1145p.

SANTOS, J. F. D. **Luiz Gonzaga**: a música como expressão do Nordeste. São Paulo: IBRASA, 2004. 208P.

SANTOS, C.A. B.; ALVES, R. R. N. Ethnoichthyology of the indigenous Truká people, Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** v.12, p.1, 2016.

SICK, H. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 862pp.

SILVA, N. M. da; ANDRADE, A. J. P. de; ROZENDO, C. 'Profetas da chuva' do Seridó potiguar, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Pará, v.9, n.3, p.773-795, set-dez. 2014.

SILVA, N. M.; ANDRADE, A. J. P.; SOUZA, C. R. O sertanejo e as experiências de inverno no Seridó Potiguar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S.l.], v.27, jun. 2013.

SILVA, V. N. **Atitudes e conhecimento de estudantes em relação às serpentes na região semiárida do Nordeste do Brasil**. 2013. N de f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da saúde). 2013.

SILVA, J.; AMBRÓSIO, J. **Buraco de tatu**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1956. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

SILVEIRA, O.; VOGELER, D. **Alvorada Nordestina**. Luiz Gonzaga. Eu e meu pai, 1979. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

SOARES, L; PILOMBETA. **Vitória de Santo Antônio**. Luiz Gonzaga. São João de Araripe, 1968. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

SOBRAL, M. R. B; BASTOS, S. R. Luiz Gonzaga e alimentação sertaneja: as práticas alimentares representadas nas letras musicais. **Interações**, Campo Grande, v. 16, p. 155-162, 2014.

TEIXEIRA, H; GONZAGA, L. **Paraíba**. Luiz Gonzaga. Luiz Gonzaga, 1950. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência

pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná, n.20, p.31-45, jul.-dez. 2009.

VALE, J; SILVA, J. **Não foi surpresa**. Luiz Gonzaga. Não foi surpresa, 1964. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

VANDERLEY, P. 2002. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br>> Acesso 20 out. 2015.

VENÂNCIO; NASCIMENTO, A. **Cananã**. Luiz Gonzaga. O homem da terra, 1980. Disponível em: <http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php> Acesso 16 out. 2015.

VIANA, A. **O Reio do Baião**: do Nordeste para o Mundo. São Paulo: Planeta Jovem, 2012. 40P.







Sociedade Brasileira de
Ecologia Humana – SABEH
<http://www.sabeh.com.br>